Krishnamurti

A educação e o significado da vida

EDITÔRA CULTRIX

Z.C.

SUMÁRIO

CAPÍTULO I

A EDUCAÇÃO E O SIGNIFICADO DA VIDA

QUEM viaja pelo mundo pode notar a extraordinária semelhança da natureza humana, seja na Índia, seja na América, na Europa ou na Austrália. Isto se verifica principalmente nos colégios e nas universidades. Estamos como que fabricando, segundo um modelo, um tipo de ser humano cujo principal interesse é procurar a segurança, tornar-se pessoa importante, ou viver deleitavelmente e com o mínimo possível de reflexão.

A educação convencional dificulta sobremodo o pensar independente. A padronização do homem conduz à mediocridade. Ser diferente do grupo ou resistir ao ambiente não é fácil, e não raro é arriscado, porque adoramos o bom êxito. O esforço empregado para obter sucesso, que é o desejo de recompensa, seja na esfera material, seja na chamada esfera espiritual, a busca de segurança interior ou exterior, o desejo de conforto — tudo isso representa um modo de agir que abafa o descontentamento, põe termo à espontaneidade, gera o temor e este impede a com-

preensão inteligente da vida. Com o avançar da idade, a mente e o coração vão-se embotando cada vez mais.

Procurando o conforto[1] encontramos, em geral, um cantinho sossegado na vida, onde podemos viver com o mínimo de conflito possível, e não ousamos mais dar um passo sequer para sair deste isolamento. Este medo à vida, este medo à luta e à experiência nova, mata em nós o espírito de aventura; por causa de nossa criação e educação, temos medo de ser diferentes do nosso próximo, tememos pensar em desacordo com o padrão social vigente, num falso respeito à autoridade e à tradição.

Felizmente algumas pessoas se interessam com seriedade pelo exame dos problemas humanos, livres dos preconceitos da esquerda ou da direita; mas, a grande maioria dentre nós não tem o verdadeiro espírito de descontentamento, de revolta. Quando nos submetemos ao ambiente, sem compreendê-lo, todo espírito de revolta que acaso possuímos esmorece e nossas responsabilidades em breve tempo o apagam definitivamente.

Há duas espécies de revolta: a revolta violenta, que é mera reação, sem inteligência, contra a ordem vigente, e a profunda revolta psicológica da inteligência. Muitos se revoltam contra velhas ortodoxias só para caírem em outras novas, em novas ilusões e secretas concessões aos próprios apetites. O que em geral acontece é que nos desligamos de um grupo ou conjunto de ideais e ingressamos noutro grupo, adotamos

(1) "Conforto", não no sentido de comodidade material, porém como efeito de "confortar": dar forças e esperança. (N. do T.).

outros ideais, criando novo padrão de pensamento contra o qual nos revoltamos outra vez. Toda reação gera oposição, e toda reforma cria a necessidade de novas reformas.

Há, porém, uma revolta inteligente, que, não sendo reação, nasce com o autoconhecimento, com o percebimento do nosso próprio pensar e sentir. Só quando enfrentamos a experiência tal como se apresenta, quando não evitamos perturbações, é que podemos manter a inteligência altamente desperta; e a inteligência altamente desperta é intuição — o único guia seguro na vida.

Qual é, pois, a significação da vida? Para que vivemos e lutamos? Se somos educados apenas para nos tornarmos pessoas eminentes, para conseguirmos melhores empregos, para sermos mais eficientes, para exercermos domínio mais amplo sobre os outros, em tal caso nossas vidas serão superficiais e vazias. Se somos educados, apenas, para sermos cientistas, eruditos casados com seus livros, ou especialistas devotados à ciência, estaremos então contribuindo para a destruição e a desgraça do mundo.

Se a vida tem um significado mais alto e mais amplo, que valor tem nossa educação se nunca descobrimos esse significado? Podemos ser superiormente cultos; se nos falta, porém, a profunda integração do pensamento e do sentimento, nossas vidas são incompletas, contraditórias e cheias de temores torturantes; e, enquanto a educação não abranger o sentido integral da vida, bem pouco significará.

A civilização atual divide a vida em tantos compartimentos que a educação — excetuando-se o ensino

de uma profissão ou técnica determinada — tem muito pouco valor. Em vez de despertar a inteligência integral do indivíduo, a educação o induz a adaptar-se a um padrão, vedando-lhe assim a compreensão de si mesmo como um processo total. Procurar resolver os numerosos problemas da existência nos seus níveis respectivos — classificados como estão (os problemas) em diferentes categorias — denota uma total ausência de compreensão.

O indivíduo é constituído de várias entidades, mas o realçar as diferenças e ao mesmo tempo favorecer a produção de um tipo definido leva a resultados complexos e a contradições. À educação compete promover a integração dessas entidades separadas — visto como, sem integração, a vida se transforma numa série de conflitos e tribulações. Para que formar advogados se perpetuamos os litígios? Que valor tem o saber, se continuamos em nossa confusão? Qual o significado da capacidade técnica e industrial, se a utilizamos para nos destruirmos mutuamente? Qual a finalidade da existência, se ela leva à violência e à desdita extrema? Conquanto tenhamos dinheiro ou sejamos capazes de ganhá-lo, apesar de termos prazeres e religiões organizadas, vivemos num conflito interminável.

Cumpre distinguir entre "pessoal" e "individual". O pessoal é acidental; por acidental entendo as circunstâncias de origem, o ambiente em que fomos criados, com seu nacionalismo, suas superstições, distinções e preconceitos de classe. O pessoal ou acidental é só momentâneo, ainda que esse momento dure a vida inteira; e como o atual sistema de educação se baseia no pessoal, no acidental, no momentâneo, só

conduz à perversão do pensamento e à implantação de temores defensivos.

Fomos todos preparados pela educação e o ambiente para a busca de proventos e segurança pessoal, para lutarmos em nosso próprio interesse. Embora costumemos dissimulá-lo com frases amenas, fomos educados para várias profissões dentro de um sistema que se funda na exploração e no temor com sua concomitante avidez. Tal educação acarretará, inevitavelmente, confusão e tribulações para nós e para o mundo, pois cria em cada indivíduo aquelas barreiras psicológicas que o separam e o mantêm isolado dos outros.

A educação não é uma simples questão de exercitar a mente. O exercício leva à eficiência, mas não produz a integração. A mente que foi apenas exercitada é o prolongamento do passado, nunca pode descobrir o que é novo. Eis por que, para averiguarmos o que é educação correta, cumpre-nos investigar o total significado do viver.

Para a maioria das pessoas o significado da vida como um todo não é altamente relevante, e nossa educação encarece os valores secundários, fazendo-nos apenas proficientes num determinado ramo do saber. Ainda que necessários o saber e a eficiência, se lhes atribuímos importância demasiada, somos levados ao conflito e à confusão.

Há uma eficiência inspirada pelo amor, que leva muito mais longe, que é bem superior à eficiência da ambição; e sem o amor, que traz a compreensão integral da vida, a eficiência gera a crueldade. Não é isso exatamente o que ora acontece no mundo inteiro?

A educação atual está aparelhada para a industrialização e a guerra, e desenvolver a eficiência é seu alvo principal; estamos dentro da engrenagem desta máquina de competição impiedosa e destruição mútua. Se a educação conduz à guerra, se nos ensina a destruir ou a ser destruídos, não falhou completamente?

Para instituirmos a educação correta, é indispensável compreender o significado da vida como um todo, e, para tal, devemos ser capazes de pensar, não rigidamente, mas de maneira direta e verdadeira. Um pensador inflexível não tem pensar próprio, porque se ajusta a um padrão; repete frases e pensa dentro de uma rotina. Não se pode compreender a existência da forma abstrata ou teórica. Compreender a vida é compreender a nós mesmos; este é o princípio e o fim da educação.

Educação não significa, apenas, adquirir conhecimentos, coligir e correlacionar fatos; é compreender o significado da vida como um todo. Mas o todo não pode ser alcançado pela parte — como estão tentando fazer os governos, as religiões organizadas e os partidos autoritários.

A função da educação é criar entes humanos *integrados* e, por conseguinte, inteligentes. Podemos tirar diplomas e ser mecanicamente eficientes, sem ser inteligentes. A inteligência não é mera cultura intelectual; não provém dos livros, nem consiste em jeitosas reações defensivas e asserções arrogantes. O homem que não estudou pode ser mais inteligente do que o erudito. Fizemos de exames e diplomas critério de inteligência e desenvolvemos espíritos muio sagazes, que evitam os problemas humanos vitais. Inteli-

gência é a capacidade de perceber o essencial, *o que é*; despertar essa capacidade, em si próprio e nos outros, eis em que se resume a educação.

A educação deve ajudar-nos a descobrir valores perenes, para que não nos apeguemos a fórmulas ou à repetição de *slogans*(*); deve ajudar-nos a derrubar as barreiras nacionais e sociais, em lugar de as reforçar, porquanto essas barreiras geram antagonismo entre homem e homem. Infelizmente, o nosso atual sistema de educação nos torna subservientes, mecânicos e fundamentalmente incapazes de pensar; embora desperte nosso intelecto, deixa-nos interiormente incompletos, estultificados e estéreis.

Sem uma integral compreensão da vida, os nossos problemas individuais e coletivos só tenderão a crescer, em profundidade e extensão. Não visa a educação a produzir meros letrados, técnicos e caçadores de empregos, mas homens e mulheres *integrados*, livres de todo o temor; porque só entre tais entes humanos pode haver paz duradoura.

A compreensão de nós mesmos extingue o medo. Para pelejar com a vida, de momento em momento, enfrentar suas complicações, tribulações e imprevistos, deve o indivíduo ser infinitamente flexível e, portanto, livre de teorias e de certos padrões de pensamento.

Não deve a educação estimular o indivíduo a adaptar-se à sociedade ou a manter-se negativamente em harmonia com ela, mas ajudá-lo a descobrir os valores verdadeiros, que surgem com a investigação

---

(*) "Slogan" — palavra ou frase associada, pelo uso, a um partido, grupo, etc. (Dic. Webster). (N. do T.).

livre de preconceitos e com o autopercebimento. Não havendo autoconhecimento, a expressão individual se transforma em arrogância, com todos os seus conflitos agressivos e ambiciosos. A educação deve despertar no indivíduo a capacidade de estar cônscio de si próprio, e não apenas deixá-lo comprazer-se na expressão individual.

Que benefícios traz a instrução, se no decorrer da vida nos destruímos? A série de guerras devastadoras, que temos tido, uma após outra, evidencia uma falha fundamental na educação que proporcionamos a nossos filhos. Quase todos nós, creio, estamos cônscios disso, mas não sabemos como atender ao problema.

Os sistemas, quer educativos, quer políticos, não se transformam miraculosamente; só se modificam quando há em nós uma transformação fundamental. O indivíduo é de primordial importância, e não o sistema; e, enquanto o indivíduo não compreender o processo total de si mesmo, nenhum sistema, seja da direita, seja da esquerda, trará ordem e paz ao mundo.

CAPÍTULO II

EDUCAÇÃO CORRETA

O HOMEM ignorante não é o sem instrução, mas aquele que não conhece a si mesmo; e insensato é o homem intelectualmente culto ao crer que os livros, o saber e a autoridade lhe podem dar a compreensão. A compreensão só pode vir com o autoconhecimento, que é o conhecimento da totalidade do nosso processo psicológico. Assim, a educação, no sentido genuíno, é a compreensão de si mesmo, pelo indivíduo, porque é dentro de cada um de nós que se concentra a totalidade da existência.

O que atualmente chamamos educação é um processo consistente em acumular informações e conhecimentos, tirados dos livros, e isso qualquer um que saiba ler pode conseguir. Uma educação desta espécie oferece-nos uma forma sutil de fuga de nós mesmos e, como todas as fugas, cria, inevitavelmente, sofrimentos cada vez maiores. O conflito e a confusão nascem das nossas relações incorretas com pessoas, coisas e idéias e, enquanto não compreendermos e modificarmos essas relações, o mero aprender, a

acumulação de fatos, a aquisição de habilitações diversas só nos podem abismar no caos e na destruição.

De acordo com a organização da sociedade atual, mandamos nossos filhos à escola para que aprendam uma técnica, com a qual possam um dia ganhar a vida. Queremos antes de tudo fazer do nosso filho um especialista, crendo que assim lhe garantimos uma segura situação econômica. Mas o cultivo de uma técnica habilita-nos a compreender a nós mesmos?

É evidentemente necessário saber ler e escrever, aprender engenharia ou outra profissão qualquer, mas a técnica nos dará a capacidade de compreender a vida? Ora, sem dúvida, a técnica é coisa secundária; e, se a técnica é a única coisa pela qual estamos lutando, nesse caso estamos negando o aspecto mais importante da vida.

A vida é dor, alegria, beleza, fealdade, amor, e, quando a compreendemos globalmente, em toda a sua variedade, essa compreensão cria sua própria técnica. Mas o inverso não é exato: a técnica nunca produzirá a compreensão criadora.

A educação moderna redundou em completo malogro, por ter exagerado a importância da técnica. Encarecendo-a em demasia, destruímos o homem. Desenvolvendo capacidades e eficiência, sem a compreensão da vida, sem uma percepção total dos movimentos da mente e do desejo, tornar-nos-emos cada vez mais cruéis, e isso significa fomentar guerras e pôr em perigo nossa segurança física. O exclusivo cultivo da técnica tem produzido cientistas, matemáticos, construtores de pontes e conquistadores do espaço. Compreenderão esses homens o processo total da

vida? Pode um especialista experimentar a vida como um todo? Só se deixar de ser especialista.

O progresso técnico resolve determinados problemas para certas pessoas, num dado nível, mas, ao mesmo tempo, gera problemas mais vastos e profundos. Viver num só nível, desprezando o processo global da vida, é atrair desgraças e destruição. A maior necessidade e o problema mais urgente de todo indivíduo é adquirir uma compreensão integral da vida, que o habilite a enfrentar suas contínuas e crescentes complexidades.

O saber técnico, embora necessário, de modo algum resolverá as nossas premências interiores e conflitos psicológicos; e porque adquirimos saber técnico sem compreender o processo total da vida, a técnica se tornou meio de destruição. O homem que sabe dividir o átomo, mas não tem amor no coração, transforma-se num monstro.

Escolhemos uma profissão de acordo com as nossas aptidões; mas seguir uma profissão libertará o homem do conflito e da confusão? Uma dada espécie de preparo técnico parece necessária; porém, depois que nos tornamos engenheiros, médicos, contadores, que acontece? A prática de uma profissão representa o preenchimento da vida? Parece que sim, para a maioria de nós. Nossas várias profissões mantêm-nos ocupados durante a maior parte da existência; mas as próprias coisas que criamos e das quais tanto nos maravilhamos causam destruições e desgraças. Nossas atitudes e valores estão fazendo das coisas e das profissões instrumentos da inveja, do ressentimento e do ódio.

Sem a compreensão de nós mesmos, a mera operosidade conduz à frustração, com as suas inevitáveis fugas através de atividades maléficas de todo gênero. Técnica sem compreensão leva à inimizade e à crueldade, o que costumamos disfarçar com frases bem soantes. De que serve encarecermos a importância da técnica e nos tornarmos entidades eficientes, se o resultado é a mútua destruição? Nosso progresso técnico é fantástico, mas só teve como resultado aumentar as possibilidades de nos destruirmos mutuamente; e em todos os países do mundo existe a fome e a miséria. Não somos entes pacíficos e felizes.

Quando se atribui à função suma importância, a vida se torna estúpida e monótona, uma rotina mecânica e estéril, da qual fugimos entregando-nos a distrações de toda espécie. O acúmulo de fatos e o desenvolvimento de capacidades, a que chamamos educação, privou-nos da plenitude da vida de integração e ação. Por não compreendermos em sua inteireza o processo da vida, apegamo-nos à capacidade e à eficiência, que por essa razão assumem desmedida importância. O todo, porém, não pode ser compreendido pela parte; só pode ser compreendido por meio da ação e da experiência.

Outro fator determinante no cultivo da técnica é que esta nos proporciona um sentimento de segurança, não só econômica, mas também psicológica. É confortante verificar que somos capazes e eficientes. Saber que temos capacidade para tocar piano ou para construir uma casa nos dá um sentimento de vitalidade, de arrogante independência; porém, realçar o valor da capacidade, por causa de um desejo de segurança psicológica, é negar a plenitude da vida. O

conteúdo total da vida é imprevisível e tem de ser experimentado sempre como coisa nova, momento por momento. Tememos o desconhecido, por isso estabelecemos para nós mesmos zonas psicológicas de segurança, sob a forma de sistemas, técnicas e crenças. Enquanto andarmos em busca de segurança interior não compreenderemos o inteiro processo da vida.

A educação correta, não descurando do cultivo da técnica, deve realizar algo de importância muito maior e que consiste em levar o homem a experimentar o processo integral da vida. Tal experiência colocará a capacidade e a técnica nos seus devidos lugares. Quem tem realmente alguma coisa para dizer, com o mesmo ato de externá-la cria seu estilo próprio; mas aprender um estilo sem ter a capacidade de experimentar interiormente só pode resultar em superficialidade.

Em todas as partes do universo, os engenheiros estão em febril atividade, planejando máquinas que não necessitem homens para acioná-las. Num mundo quase inteiramente movido à máquina, que vai ser dos entes humanos? Teremos mais e mais folga, sem saber empregá-la sensatamente, e procuraremos escapatória no cultivo do saber, nos divertimentos debilitantes, ou nos ideais.

Creio que já se escreveram muitos volumes sobre ideais educativos e, entretanto, estamos mais confusos agora do que nunca. Não existe método de educar uma criança para ser um ente *integrado* e livre. Enquanto só estivermos interessados em princípios, ideais e métodos, não ajudaremos o indivíduo a liber-

tar-se da atividade egocêntrica, com todos os seus temores e conflitos.

Ideais e planos para uma Utopia perfeita nunca produzirão a mudança radical do coração, que é indispensável se quisermos abolir a guerra e evitar a destruição universal. Os ideais não podem mudar os nossos valores atuais; estes só se transformarão pela educação correta, ou seja, no desenvolvimento da compreensão do que *é*.

Ao cooperarmos para um ideal porvindouro, moldamos indivíduos consoante a nossa concepção do futuro; não estamos em absoluto interessados nos entes humanos, e sim, apenas, em nossa idéia do que eles "deveriam ser". O "deveria ser" se torna muitíssimo mais importante do que o que *é*: o indivíduo e suas complexidades. Se começarmos a compreender o indivíduo diretamente, em vez de o olharmos através da cortina de nossa idéia do que ele "deveria ser", estaremos então interessados no que *é*. Então, já não desejaremos transformar o indivíduo em outra coisa; nosso único empenho será o de ajudá-lo a compreender-se, e nisso não há motivo pessoal egoísta ou lucro algum. Se estamos plenamente cônscios do que *é*, haveremos de compreendê-lo e libertar-nos dele; mas, para estarmos cônscios do que somos, temos de desistir de lutar por algo que não somos.

Os ideais não têm cabida na educação porque impedem a compreensão do presente. Por certo, só podemos estar cônscios do que *é* se não estamos fugindo para o futuro. O interesse no futuro, a luta por um ideal denota indolência mental e o desejo de evitar o presente.

A luta por uma Utopia "já feita" não será a negação da liberdade e da integração do indivíduo? Quando estamos seguindo um ideal, um padrão, quando temos uma fórmula do que "deveria ser", não estaremos vivendo uma vida bem superficial e automática? Não necessitamos de idealistas ou entidades de mentes mecânicas, mas de entes humanos *integrados*, inteligentes e livres. Ter, apenas, um plano de uma sociedade perfeita significa pugnar e derramar sangue pelo que "deveria ser", voltando-se as costas ao que *é*.

Se os seres humanos fossem entidades mecânicas, máquinas automáticas, o futuro seria então predizível e poderiam traçar-se os planos de uma Utopia perfeita; estaríamos então aptos a planejar caprichadamente uma sociedade futura e poderíamos trabalhar para realizá-la. Mas, como os entes humanos não são máquinas, não podem ser "ajustados" segundo um certo plano.

Entre agora e o futuro há um enorme hiato em que numerosas influências atuam sobre cada um de nós e, sacrificando o presente ao futuro, estamos empregando meios errôneos para um hipotético fim correto. Mas os meios determinam o fim; e, além disso, quem somos nós para decidir o que o homem "deve ser"? Com que direito queremos moldá-lo a um certo padrão, aprendido de algum livro ou determinado pelas nossas ambições, esperanças e temores?

A educação correta não está interessada em ideologia alguma, por mais promissora que seja de uma futura Utopia; não se baseia em sistema algum, por mais escrupulosamente que tenha sido concebido; não é, tampouco, um meio de condicionar o indivíduo de

determinada maneira. Educação, no sentido verdadeiro, é ajudar o indivíduo a tornar-se um ente amadurecido e livre, para "florescer ricamente em amor e bondade". Nisso é que devemos estar interessados, e não, em moldar a criança conforme um padrão idealista.

Todo método de classificar as crianças segundo seus temperamentos e aptidões põe em relevo suas diferenças, cria antagonismo, fomenta divisões na sociedade e não ajuda a produzir entes humanos *integrados*. Evidentemente, nenhum método ou sistema pode promover a educação correta, e a estrita aderência a determinado método denota indolência da parte do educador. Enquanto a educação se fundar em princípios rígidos, poderá produzir homens e mulheres proficientes, mas nunca formará entes humanos criadores.

Só o amor pode despertar a compreensão para com outrem. Quando há amor, há comunhão instantânea com outra pessoa, no mesmo nível, ao mesmo tempo. Porque somos tão áridos, vazios e sem amor é que deixamos os governos e os sistemas se encarregarem da educação de nossos filhos e da direção de nossas vidas; mas os governos precisam de técnicos eficientes e não de entes humanos, pois estes se tornam perigosos para os governos — assim como para as religiões organizadas. Eis por que os governos e as organizações religiosas têm tanto interesse em controlar a educação.

A vida não pode ser posta em conformidade com um sistema, não podemos metê-la à força num molde, por melhor que este tenha sido concebido; e a mente que só se exercita no saber positivo é incapaz de com-

preender a vida na sua variedade e sutileza, nas suas profundezas e culminâncias. Quando educamos nossos filhos de acordo com um sistema de pensamento ou uma determinada disciplina, quando os ensinamos a pensar "especializadamente", impedimos que eles se tornem homens e mulheres *integrados*, e por isso são incapazes de pensar inteligentemente, isto é, de encarar a vida de modo global.

A mais alta função da educação consiste em produzir um indivíduo *integrado*, capaz de entrar em relação com a vida como um todo. O idealista, tal como o especialista, não está interessado no todo, mas apenas na parte. Não poderá haver integração enquanto estivermos interessados em algum padrão ideal de ação; e a maioria dos preceptores, que se mostram idealistas, repudiaram o amor; seu espírito é árido e coração insensível. Para estudarmos uma criança devemos estar muito atentos, vigilantes, bem cônscios dos nossos próprios pensamentos e sentimentos, e isso requer muito mais inteligência e afeição do que o estimulá-la a seguir um ideal.

Outra finalidade da educação é a de criar novos valores. Inculcar, simplesmente, na mente da criança os valores prevalecentes, fazê-la ajustar-se a ideais, é condicioná-la, sem despertar-lhe a inteligência. A educação está estreitamente ligada à presente crise mundial, e o educador que percebe as causas deste caos universal deve perguntar a si mesmo como despertar a inteligência do estudante e contribuir, deste modo, para que a geração futura não produza novos conflitos e desastres. Cabe-lhe consagrar todo o seu pensamento, todo o seu desvelo e cuidado à criação do ambiente adequado e ao desenvolvimento da com-

preensão, para que, atingindo a madureza, a criança seja capaz de atender inteligentemente aos problemas que a vida lhe oferecer. Mas, para fazê-lo, precisa o educador compreender a si mesmo, em vez de confiar em ideologias, sistemas e crenças.

Deixemos de lado os princípios e os ideais e interessemo-nos pelas coisas tais como são; o estudo do que *é* desperta a inteligência, e a inteligência do educador é bem mais importante do que o seu conhecimento de um novo método de educação. Ao seguirmos um método, ainda que tal método haja sido elaborado por pessoa sensata e inteligente, ele assume tanta relevância que as crianças são consideradas importantes apenas quando a ele se ajustam. Tomamos as medidas da criança, classificamo-la e passamos a educá-la de acordo com um gráfico, um plano. Esse processo de educação pode convir muito ao preceptor, mas nem a prática de um sistema nem a tirania da opinião e do saber produzirão um ser humano *integrado*.

A educação correta consiste em compreender a criança tal como é, sem lhe impor nenhum ideal relativo ao que pensamos que ele "deveria ser". Enquadrá-la em um ideal é induzi-la a adaptar-se, o que gera temor e suscita na criança um conflito constante entre o que ela *é* e o que "deveria ser". E todos os conflitos interiores têm suas manifestações exteriores na sociedade. Os ideais constituem verdadeiro obstáculo à nossa compreensão da criança e à compreensão de si própria, pela criança.

O pai que realmente deseja compreender o filho não o olha através da cortina de um ideal. Se ama o

filho, observa-o, estuda-lhe as tendências, disposições e peculiaridades. Só quando não temos amor à criança lhe impomos um ideal, porque então pretendemos ver realizadas nela nossas próprias ambições e queremos que ela seja isso ou aquilo. Quem ama não o ideal, mas a criança, tem a possibilidade de ajudá-la a compreender-se tal como é.

Se uma criança mente, por exemplo, que adianta confrontá-la como o ideal da verdade? O importante é descobrir por que ela mente. Para ajudar a criança, necessitamos de tempo para estudá-la e observá-la, e isso requer paciência, amor e carinho; mas, quando não temos amor, quando não temos compreensão, forçamos a criança a agir conforme um padrão a que chamamos "ideal".

Os ideais constituem escápula muito conveniente, e o preceptor que os segue é incapaz de compreender seus discípulos e de cuidar deles inteligentemente; para ele o ideal do futuro, "o que deve ser", é mais importante do que a criança atual. A fidelidade a um ideal exclui o amor, e sem amor não se resolve nenhum problema humano.

O bom preceptor não confiará em método algum, estudará cada um dos seus discípulos individualmente. Nas relações que mantemos com as crianças e os adolescentes, não devemos encará-los como máquinas, passíveis de "endireitar" num instante, mas como seres vivos, impressionáveis, volúveis, sensíveis, medrosos, afetivos; e no trato com eles necessitamos de muita compreensão, da força da paciência e do amor. Quando carecemos dessas qualidades, recorremos a remédios prontos e fáceis, esperando resultados automáti-

cos e maravilhosos. Quando somos desatentos, mecânicos em nossas atitudes e ações, eximimo-nos de todo e qualquer mister que nos pareça incômodo e que não possamos executar automaticamente; esta é uma das principais dificuldades na educação.

A criança tanto é resultado do passado como do presente, e como tal já está condicionada. Se lhe transmitimos nossa própria mentalidade, perpetuamos tanto o seu como o nosso condicionamento. Só há transformação radical se compreendemos nosso próprio condicionamento e nos livramos dele. Discutir sobre o que deve ser educação correta, enquanto estamos condicionados, é totalmente fútil.

Enquanto as crianças são muito novas, devemos, é claro, protegê-las contra danos físicos e não deixar que se sintam fisicamente inseguras. Mas, infelizmente, não paramos aí; queremos formar suas maneiras de pensar e de sentir, queremos moldá-las de acordo com as nossas próprias aspirações e intentos. Buscamos preencher-nos em nossos filhos, perpetuar-nos através deles. Erguemos muralhas em redor deles, condicionamo-los a nossas crenças e ideologias, temores e esperanças — e depois choramos e rezamos quando morrem ou ficam mutilados nas guerras, ou quando as experiências da vida lhes infligem sofrimentos.

Essas experiências não trazem liberdade alguma; ao contrário, fortificam a vontade do "eu". O "eu" se constitui de uma série de reações defensivas e expansivas, e seu preenchimento está sempre em suas próprias projeções e agradáveis identificações. Enquanto traduzirmos a experiência em termos relativos ao "eu", a "mim", ao "meu"; enquanto o "eu", o "ego", se man-

tiver por meio de suas reações, a experiência não pode ser livre de conflito, confusão e dor. A liberdade vem ao compreendermos a natureza do "eu", do "experimentador". Só quando o "eu", com suas reações acumuladas, deixa de ser o "experimentador", a experiência assume um significado inteiramente diferente e se transforma em criação.

Para ajudar a criança a libertar-se dos ditames do "eu", causadores de tantos sofrimentos, cada um de nós deverá modificar profundamente sua atitude e suas relações com a criança. Os pais e os educadores podem, com seu próprio entendimento e conduta, ajudar a criança a ser livre e a florescer em amor e bondade.

A educação, no seu estado atual, não favorece de maneira alguma a compreensão das tendências hereditárias e das influências ambientais, que condicionam a mente e o coração e sustentam o temor; por conseguinte, ela não nos ajuda a romper esses condicionamentos para produzir um ente humano *integrado*. Qualquer forma de educação que só atenda a uma parte e não à totalidade do homem conduz, inevitavelmente, a conflitos e sofrimentos cada vez maiores.

Só na liberdade individual pode florescer o amor e a bondade; e só a educação correta pode oferecer essa liberdade. Nem o ajustamento à sociedade atual nem a promessa de uma futura Utopia pode, em tempo algum, dar ao indivíduo aquele discernimento sem o qual ele está sempre criando problemas.

O verdadeiro educador, que percebe a natureza intrínseca da liberdade, ajuda cada um dos seus discípulos, individualmente, a observar e compreender os

valores e ilusões por ele próprio (o discípulo) criados e "projetados"(*); ajuda-o a se tornar cônscio das influências condicionantes que o cercam, bem como dos seus próprios desejos, que limitam a mente e geram temor; ajuda-o, no caminho para a virilidade, a observar e a compreender a si próprio em relação a todas as coisas, porque a ânsia de realizar nosso próprio preenchimento é a causadora de conflitos e tribulações infindáveis.

É certo que se pode ajudar o indivíduo a perceber os valores perenes da vida, sem condicioná-lo. Dirão alguns que esse desenvolvimento pleno do indivíduo levará ao caos; é exato isso? A confusão existente no mundo surgiu porque o indivíduo não foi educado para compreender a si próprio. Deram-lhe alguma liberdade superficial, mas também lhe ensinaram a ajustar-se, a aceitar os valores prevalecentes.

Contra esta "arregimentação"(**), muitos se estão insurgindo; esta revolta, infelizmente, é mera reação egoística, que ensombra mais ainda a nossa existência. O verdadeiro educador, cônscio da tendência da mente para a reação, ajuda o discípulo a alterar os valores atuais, não reagindo contra eles, mas pela compreensão do processo total da vida. A plena cooperação entre um homem e outro não é possível sem a *integração*, e a educação correta pode contribuir para despertá-la no indivíduo.

(*) "*Projeção*" (projection). "Psicologia: Ato de externar ou objetivar o que primariamente é subjetivo." (Dicionário de Webster). (N. do T.)

(**) "Regimentation" (verbo — "to regiment": "organizar em grupos ou unidades, para controle central; reduzir a uma ordem estrita; reduzir a *uniformidade*; como, por exemplo, sistema de educação que *arregimenta* as crianças." (Dicionário de Webster). (N. do T.).

Por que afirmamos com tanta segurança que nem nós nem a geração vindoura poderá, pela educação correta, promover uma fundamental alteração das relações humanas? Nunca a experimentamos; e visto que, em geral, parecemos ter medo da educação correta, não sentimos vontade de experimentá-la. E sem termos realmente investigado esta questão a fundo, alegamos que a natureza humana não pode ser modificada, aceitamos as coisas como estão e estimulamos a criança a ajustar-se à presente sociedade; condicionamo-la para nossa atual maneira de viver, e esperamos daí os melhores resultados possíveis. Mas pode-se chamar educação a esse ajustamento aos valores vigentes, que levam à guerra e à fome?

Não nos iludamos com a idéia de que tal condicionamento será um fator de inteligência e felicidade. Se continuamos medrosos, desafetuosos, irremediavelmente apáticos, isso significa que não estamos deveras interessados em ajudar o indivíduo a "florescer plenamente no amor e na bondade", mas preferimos que continue com as mesmas tribulações que impusemos a nós mesmos e nas quais ele também toma parte.

Condicionar o discípulo para aceitar o atual ambiente é manifesta insensatez. A menos que promovamos uma radical reforma da educação, seremos os responsáveis diretos pela perpetuação do caos e da miséria; e quando, afinal, vier uma revolução monstruosa e brutal, está só servirá para proporcionar a um outro grupo de pessoas a oportunidade de explorar e oprimir. Todo grupo que detém o poder cria os seus próprios meios de opressão, quer pela persuasão psicológica, quer pela força bruta.

Por motivos políticos e industriais a disciplina se tornou um fator importante na hodierna estrutura social, e o nosso desejo de segurança psicológica nos obriga a aceitar e praticar várias formas de disciplina. A disciplina garante um resultado, e para nós o fim é sempre mais importante do que os meios; mas os meios determinam o fim.

Um dos perigos da disciplina é o sistema tornar-se mais relevante que os entes humanos nele compreendidos. Passa então a disciplina a ser um substituto do amor, e como temos os corações vazios apegamo-nos à disciplina. A liberdade nunca virá por meio da disciplina e da resistência, porque ela não é um alvo, nem um fim a ser atingido. A liberdade está no começo e não no fim, e não pode ser encontrada em um ideal distante.

Liberdade não significa facilidade de satisfação egoísta ou o abolimento da consideração para com outrem. O mestre sincero terá de proteger as crianças e ajudá-las, de todos os modos possíveis, a se desenvolverem para a verdadeira liberdade; mas não poderá fazer tal coisa se ele próprio é sectário de uma ideologia, se de alguma maneira se mostra dogmático ou egoísta.

Pela compulsão não se desperta a sensibilidade. Pode-se obrigar uma criança a ficar quieta, exteriormente, mas isso indica que não quisemos examinar a causa que a faz obstinada, insolente, etc. A compulsão gera antagonismo e temor. A recompensa e a punição, de qualquer espécie, só servem para tornar a mente subserviente e lerda; se visamos a este objetivo, então a educação pela força constitui um método excelente.

Uma educação desse tipo não nos pode ajudar a compreender a criança, nem há de construir um ambiente social isento de divisões e rancores. No amor à criança está implicada a educação correta. Mas, em geral, não amamos nossos filhos; temos ambições com referência a eles — o que significa que temos ambições com relação a nós mesmos. Andamos, infelizmente, tão ocupados com as coisas da mente, que pouco tempo nos resta para atender aos ditames do coração. Afinal, disciplina implica resistência; poderá a resistência alguma vez trazer amor? A disciplina só pode construir muralhas ao redor de nós; é sempre proibitiva, sempre um fator de conflito. A disciplina não conduz à compreensão; porque a compreensão nasce da observação, da investigação inteiramente livre de preconceitos.

A disciplina é um método fácil de controlar uma criança, mas não a conduz à compreensão dos problemas da existência. Talvez seja preciso uma dada espécie de compulsão — a disciplina de punição e recompensa — para manter a ordem e aparente quietude entre um grande número de estudantes reunidos como um rebanho numa classe; para o verdadeiro educador, porém, encarregado de um pequeno número de discípulos, será necessária qualquer espécie de repressão, urbanamente denominada disciplina? Se as classes forem pequenas e o mestre puder dispensar a cada criança toda sua atenção, observando-a e ajudando-a, é evidentemente desnecessária qualquer espécie de compulsão ou domínio. Se, dentro de um grupo destes, um discípulo continua renitentemente turbulento ou travesso, além dos limites razoáveis, cabe então ao educador investigar a causa do seu mau

comportamento, como alimentação inadequada, falta de repouso, disputas em família, ou algum temor oculto.

Na educação correta está subentendido o cultivo da liberdade e da inteligência, o qual não é possível se existe qualquer forma de compulsão, com os temores que inspira. Em última análise, ao educador cumpre ajudar o discípulo a compreender as complexidades do seu ser integral. Exigir-lhe que reprima uma parte da sua natureza, em benefício de uma outra parte qualquer, é criar nele um conflito interminável de que resultam antagonismos sociais. É a inteligência que produz a ordem, e não a disciplina.

O ajustamento e a obediência não cabem na educação correta. Não existindo afeição e respeito mútuos, é impossível a cooperação entre mestre e discípulo. Quando se exige da criança demonstração de respeito para com os mais velhos, essa demonstração em geral se torna um hábito, uma mera formalidade, e o medo toma a forma de veneração. Sem o respeito e a consideração, não pode haver uma relação de vital importância, sobretudo quando o mestre é simples instrumento do seu próprio saber.

O mestre que exige respeito dos seus discípulos e quase nenhum respeito demonstra para com eles, provoca-lhes o desrespeito e a indiferença. Quando não se considera a vida humana, o saber só pode levar à destruição e ao sofrimento. O cultivo do respeito para com os outros é parte essencial da educação correta, mas, se o próprio educador carece dessa qualidade, não pode conduzir seus discípulos a uma vida *integrada*.

Inteligência é discernimento do essencial, e para discernir o essencial temos de estar livres dos obstáculos que a mente "projeta", na busca de sua própria segurança e conforto. Enquanto a mente estiver em busca de segurança, o medo é inevitável; e, quando os entes humanos são submetidos, de uma ou de outra maneira, a um regime disciplinar, destrói-se-lhes o discernimento e a inteligência.

A finalidade da educação é cultivar relações corretas, não só entre indivíduos, mas também entre o indivíduo e a sociedade; eis a razão por que é essencial que a educação acima de tudo ajude o indivíduo a compreender o seu próprio processo psicológico. Consiste a inteligência em o indivíduo compreender-se, ultrapassar e transcender a si mesmo; mas não pode haver inteligência se existe temor. O temor perverte a inteligência, é uma das causas da ação egocêntrica. A disciplina pode reprimir, mas nunca suprimir o temor, e o saber superficial que recebemos na educação moderna só serve para escondê-lo mais ainda.

Quando somos jovens, o temor nos é instilado, na maioria de nós, tanto no lar como na escola. Nem os pais, nem os mestres, têm paciência, tempo ou bom senso para extirpar os temores instintivos da infância, os quais, na idade adulta, nos dominam as atitudes e o discernimento, criando inúmeros problemas. A educação correta deve levar em conta a questão do temor, porque o temor deforma toda a nossa perspectiva da vida. Ser sem temor é o começo da sabedoria, e apenas a educação correta pode libertar-nos dele, pois só nessa liberdade há inteligência profunda e criadora.

A recompensa ou a punição por um ato qualquer só tem o efeito de fortalecer o egocentrismo. A ação destinada a satisfazer a outrem, ou realizada em nome da pátria ou de Deus, leva ao medo, e o medo não pode ser a base da ação correta. Se queremos ajudar uma criança a ter consideração com as outras pessoas, não devemos fazer do amor objeto de remuneração, de suborno, mas reservar tempo e paciência para encaminhá-la na consideração.

Não há respeito a outrem quando se oferece um prêmio por ele, porque a recompensa ou a punição se torna então mais significativa do que o sentimento de respeito. Se não respeitamos a criança e só lhe oferecemos uma recompensa ou a ameaçamos de castigo, estimulamos a ganância e o medo. Porque fomos criados para agir sempre com interesse, não concebemos possa haver ação livre do desejo de ganho.

A educação correta é aquela que estimula o respeito e a consideração para com os outros, sem incentivos nem ameaças de espécie alguma. Quando já não estivermos em busca de resultados imediatos, começaremos a perceber quanto é importante que tanto o educador como a criança estejam livres do temor da punição e da esperança de recompensa, e de qualquer outra espécie de compulsão; a compulsão existirá sempre, enquanto a autoridade fizer parte da vida de relação.

Seguir uma autoridade oferece muitas vantagens, se somos apenas movidos pelo interesse de ganho pessoal; mas a educação baseada na vantagem e no proveito individuais só pode erguer uma estrutura social de competição, antagonismo e crueldade. Em tal

espécie de sociedade fomos criados, e é bem manifesta nossa animosidade e nossa confusão.

Fomos ensinados a submeter-nos à autoridade de um mestre, de um livro, de um partido, por ser vantajoso fazê-lo. Os especialistas em todos os setores da vida, do sacerdote ao burocrata, empunham a autoridade e nos dominam; mas qualquer governo ou mestre que empregue compulsão nunca será capaz de estabelecer a cooperação nas relações, essencial ao bem-estar da sociedade.

Se queremos estabelecer relações corretas entre os seres humanos, não deve haver compulsão, nem mesmo persuasão. Como pode haver afeto e genuína cooperação entre os que detêm o poder e os que a ele estão submetidos? Quando se considera sem paixão esse problema da autoridade e tudo o que ele implica, quando se percebe que o próprio desejo de poder é, em si, destrutivo, tem-se uma espontânea compreensão de todo o "processo" da autoridade. No momento em que abolirmos a autoridade, estaremos em parceria, e só então haverá cooperação e afeto.

Na educação, o verdadeiro problema é o educador. Mesmo um pequeno grupo de estudantes se transforma em instrumento de sua influência pessoal, se ele exerce a autoridade como meio de impor-se, se o magistério representa para ele o preenchimento da ânsia de expansão do seu próprio "ego". Mas concordar, apenas, intelectual ou verbalmente, sobre os efeitos deletérios da autoridade, é coisa tola e vã.

É preciso ter profundo discernimento dos motivos ocultos da autoridade e da dominação. Se reconhecemos que a inteligência nunca pode ser desper-

tada pela compulsão, o próprio percebimento desse fato consumirá na sua chama todos os temores, e começaremos a cultivar um ambiente contrário e muito superior à presente ordem social.

Para compreender o significado da vida, com seus conflitos e suas dores, precisamos pensar independentes de toda autoridade, inclusive da autoridade da religião organizada; se, porém, desejando ajudar a criança, citamos exemplos de autoridade, estaremos apenas incentivando o temor, a imitação e várias formas de superstição.

Os que têm inclinações religiosas procuram impor às crianças as esperanças e temores que eles, por sua vez, receberam dos pais; e os irreligiosos têm igual empenho em influir na criança para impor-lhe a maneira de pensar que acaso seguem. Todos queremos fazer nossos filhos aceitar nossa forma de devoção, ou nossa ideologia predileta. É muito fácil emaranhar-nos na rede das imagens e das fórmulas inventadas por nós mesmos ou por outros; daí decorre a necessidade de estar sempre muito atentos e vigilantes.

O que chamamos religião não passa de crença organizada, com dogmas, rituais, mistérios e superstições. Cada religião tem seu livro sagrado, seu intermediário, seus sacerdotes e seus métodos próprios de ameaçar as pessoas e mantê-las sob seu domínio. Quase todos nós fomos condicionados para aceitar tudo isso — e tal condicionamento se chama educação religiosa, cujo resultado é de pôr o homem contra o homem, criar antagonismo não só entre os crentes, mas também contra aqueles de crenças diversas. Embora as religiões protestem adorar a Deus e ensinem o amor mútuo, todas elas instilam temor, com suas dou-

trinas de recompensa e punição e, com a rivalidade de seus dogmas, perpetuam a desconfiança e o antagonismo.

Dogmas, mistérios e ritos não conduzem à vida espiritual. Educação religiosa, no seu verdadeiro sentido, consiste em levar a criança a compreender suas próprias relações com as pessoas, com as coisas e com a natureza. Não há possibilidade de existência sem relações e sem o autoconhecimento todas as relações, com cada um e com todos, produzem conflitos e adversidades. Naturalmente é impossível explicar tudo isso a uma criança; se, porém, o educador e os pais apreenderem profundamente o significado das relações, então, com suas atitudes, sua conduta e ensinamentos poderão, sem dúvida, transmitir à criança, sem excesso de palavras e explicações, o significado da vida espiritual.

A chamada educação religiosa, tal como é ministrada, desaconselha a investigação e a dúvida, porém só quando investigamos o significado dos valores que a sociedade e a religião colocaram ao redor de nós é que começamos a descobrir o verdadeiro. É mister do educador examinar profundamente seus próprios pensamentos e sentimentos e abandonar os valores que lhe dêem segurança e conforto, porque só então será capaz de ajudar seus discípulos a se observarem a si mesmos e a compreenderem seus próprios impulsos e temores.

A juventude é a época adequada para crescermos em retidão e lucidez. Os mais velhos, aqueles que têm compreensão, é que podem ajudar os jovens a se libertar dos empecilhos que a sociedade lhes impôs, bem como dos que eles próprios estão "projetando".

Se a mente e o coração da criança não forem moldados por prevenções e preconceitos, estará ela então livre para descobrir, pelo autoconhecimento, o que se encontra além e acima dela própria.

A verdadeira religião não é um conjunto de crenças e ritos, esperanças e temores. Se pudermos deixar a criança crescer livre dessas influências inibitivas, talvez, no período de amadurecimento, ela começará a investigar a natureza da realidade, de Deus. Eis por que são necessários, na educação de uma criança, profundo discernimento e profunda compreensão.

A maioria das pessoas com inclinações religiosas, que fala de Deus e da imortalidade, não crê fundamentalmente na liberdade e na integração individual; entretanto, religião é o cultivo da liberdade, na busca do verdadeiro. A liberdade não admite meias medidas. Liberdade parcial para o indivíduo não é liberdade, absolutamente. Qualquer espécie de condicionamento, político ou religioso, impede a liberdade e nunca trará a paz.

A religião não é um meio de condicionamento. É um estado de quietude em que reina a realidade, Deus; mas esse estado criador só pode manifestar-se quando há autoconhecimento e liberdade. A liberdade traz virtude, e sem a virtude não pode haver tranqüilidade. Mente tranqüila não é mente condicionada, não é mente disciplinada ou exercitada em estar tranqüila. Só vem a quietude quando a mente compreende seus próprios movimentos, que são os movimentos do "eu".

Religião organizada é pensamento que se congelou e com o qual o homem construiu seus templos e

suas igrejas; ela se tornou um consolo para os tímidos, e um narcótico para os que sofrem. Mas Deus ou a Verdade estão muito além do pensamento e das necessidades emocionais. Os pais e os mestres que reconhecem os processos psicológicos geradores do medo e do sofrimento deveriam ajudar os jovens a observar e a compreender seus próprios conflitos e provações.

Se nós, os mais velhos, pudermos induzir as crianças a pensar com clareza e serenidade, a amar e não criar animosidades, que mais há para fazer? Mas, se estamos constantemente em guerra uns com os outros, se somos incapazes de implantar a ordem e a paz no mundo com a profunda transformação de nós mesmos, de que valem os livros sagrados e mitos das várias religiões?

A verdadeira educação religiosa é aquela que ajuda a criança a manter-se inteligentemente desperta, a discernir por si mesma o temporário e o real, e a ter uma concepção desinteressada da vida; e não teria mais sentido começar cada dia, em casa ou na escola, com um pensamento edificante ou uma leitura profunda e significativa, do que engrolar, repetidamente, certas palavras ou frases?

As gerações passadas, com suas ambições, tradições e ideais, encheram o mundo de desgraças e ruínas; talvez as gerações vindouras possam, com a educação correta, pôr fim a este caos e construir uma ordem social mais feliz. Se os jovens tiverem espírito de investigação, se se puserem em contínua busca da verdade encerrada em todas as coisas, políticas e religiosas, pessoais e ambientais, então a juventude terá grande significação e poderemos nutrir esperanças de um mundo melhor.

As crianças, em geral, são curiosas, querem saber; nós, porém, lhes embotamos o espírito de investigação com nossas asserções pontificais, nossa impaciência superior, e o modo indiferente por que nos livramos de sua curiosidade. Não encorajamos as indagações das crianças porque temos certa apreensão relativamente ao que elas nos possam perguntar; não lhes favorecemos o descontentamento, porque nós mesmos já desistimos de objetar.

A maioria dos pais e dos mestres teme o descontentamento, porque traz perturbações a todas as formas de segurança; por isso, induzem os jovens a sufocá-lo, com empregos seguros, heranças, casamento, e a consolação dos dogmas religiosos. Os mais velhos, que infelizmente conhecem muito bem todos os métodos de embotar a mente e o coração, procuram tornar a criança tão embotada quanto eles próprios, inculcando-lhe o respeito às autoridades, às tradições e às crenças que eles mesmos aceitaram.

Só estimulando a criança a duvidar do livro, não importa qual seja, a examinar a validade dos vigentes valores sociais, tradições, formas de governo, crenças religiosas, etc., podem, o educador e os pais, ter esperança de despertar e manter vivos, nela, o senso crítico e o discernimento penetrante.

Os jovens verdadeiramente despertos mostram-se cheios de esperanças e de descontentamento; assim devem ser, porque do contrário já estão velhos e mortos. E os velhos são os descontentes de outrora que lograram sufocar essa chama e encontrar, de várias maneiras, a segurança e o conforto. Anseiam pela permanência de si próprios e de suas famílias, desejam

ardentemente a certeza, nas idéias, nas relações, nas posses; e, no instante em que sentem descontentamento, absorvem-se nas responsabilidades, nas ocupações ou no que quer que seja, para fugir ao incômodo sentimento de insatisfação.

A juventude é a época própria para o descontentamento, não só com nós mesmos, mas também com as coisas em derredor. Deveríamos aprender a pensar com clareza e sem preconceitos, para não sermos interiormente dependentes e tímidos. A independência não foi feita para aquela seção colorida do mapa a que chamamos nossa pátria, senão para nós mesmos *como indivíduos*; e, embora exteriormente dependamos uns dos outros, essa dependência mútua não se torna nem cruel nem opressiva, se interiormente estamos livres da ânsia de poder, posição, e autoridade.

Devemos compreender o descontentamento, temido pela maioria dentre nós. O descontentamento pode gerar uma confusão aparente; mas, se conduzir, como necessariamente deve conduzir, ao autoconhecimento e à negação do eu, há de criar uma nova ordem social e uma paz duradoura. Com a negação do "eu" vem um júbilo imenso.

O descontentamento é o caminho que leva à liberdade; mas, para podermos investigar sem preconceitos, não podemos manifestar efusões emocionais, dessas que muitas vezes se traduzem em comícios políticos, proclamações de "slogans", busca de guru ou instrutor espiritual, e extravagâncias religiosas de toda ordem. Tais efusões embotam a mente e o coração, tornando-os incapazes de discernimento e, por conseguinte, facilmente moldáveis pelas circunstâncias e pelo temor. É o desejo ardente de investigar, e não a fácil

imitação da turba, que trará uma nova compreensão das coisas da vida.

Os jovens deixam-se facilmente persuadir, pelo sacerdote, pelo político, pelo rico ou pelo pobre, a pensar de determinada maneira; mas a educação correta deve ajudá-los a estar vigilantes contra essas influências, para que não se ponham a repetir chavões como papagaios, ou venham a cair nas armadilhas habilmente dissimuladas da avidez, deles próprios ou de outrem. Não devem permitir que a autoridade lhes sufoque a mente e o coração. Seguir outra pessoa, por maior que seja, aderir a uma ideologia agradável não produzirá jamais um mundo pacífico.

Ao deixarmos a escola ou o colégio, muitos de nós abandonam os livros, supondo talvez que nada mais têm para aprender; outros sentem-se estimulados a ir mais longe e continuam a ler e a absorver os dizeres alheios, tornando-se devotos do saber. Havendo devoção ao saber ou à técnica, como meio de sucesso ou de domínio, haverá competição impiedosa, antagonismo e a crescente luta pelo pão.

Enquanto o sucesso for o nosso alvo, não nos livraremos do temor, porque o desejo de bom êxito gera inevitavelmente o medo de insucesso. Eis por que não devemos ensinar os jovens a idolatrar o sucesso. A maioria das pessoas procura o sucesso de qualquer forma, seja no campo de tênis, seja no mundo comercial, seja na política. Todos queremos estar por cima e este desejo cria constante conflito dentro de nós mesmos e com o nosso próximo; leva à competição, à inveja, à animosidade e, por último, à guerra.

Como a velha geração, procuram também os jovens o bom êxito e a segurança; embora no começo

descontentes, não tardam a tornar-se pessoas respeitáveis, que não ousam dizer *não* à sociedade. As muralhas de seus próprios desejos começam a fechar-se em torno deles, levando-os a tomar nas mãos as rédeas da autoridade. Seu descontentamento, que é a própria chama da investigação, da busca, da compreensão, vai-se amortecendo, até extinguir-se de todo, e seu lugar é ocupado pelo desejo de um emprego melhor, um casamento rico, uma carreira triunfal — tudo isso expressões da ânsia de maior segurança.

Não há diferença essencial entre os velhos e os moços, porque tanto uns como outros são escravos dos seus próprios desejos e prazeres. A madureza nada tem que ver com a idade; ela vem com a compreensão. O ardente espírito de investigação é talvez mais fácil para os jovens, porque os mais velhos já foram muito fustigados pela vida, os conflitos os cansaram, e a morte, de diferentes formas, os espreita. Isso não significa que sejam incapazes de resoluta investigação, apenas lhes é mais difícil.

Muitos adultos são imaturos e um pouco infantis; esta é uma das causas que contribuem para a confusão e a miséria reinantes no mundo. São os mais velhos os responsáveis pela atual crise econômica e moral; e uma das nossas deploráveis fraquezas é desejar que alguém atue por nós e modifique o curso de nossas vidas. Esperamos que outros se revoltem e reconstruam, enquanto permanecemos inativos até termos certeza dos resultados.

É atrás da segurança e do bom êxito que andamos, quase todos nós; a mente que busca segurança, que aspira a ser bem sucedida, não é inteligente e, por conseguinte, é incapaz da ação *integrada*. Só pode

haver ação *integrada* se estamos conscientes do nosso próprio condicionamento, de nossos preconceitos raciais, nacionais, políticos e religiosos; isto é, se percebemos que as atividades do "eu" são sempre separativas.

A vida é um poço de águas profundas. Dele podemos abeirar-nos com pequenos baldes e apanhar só um pouco d'água; ou podemos trazer grandes recipientes e colher água com fartura, que nos dará alimento e forças. A juventude é a época própria para investigar, submeter tudo à prova. Deve a escola ajudar os jovens a descobrir suas vocações e responsabilidades, e não apenas encher-lhes a mente de fatos e conhecimentos técnicos; deve ser o solo onde eles possam crescer livres de temores, felizes, e *integralmente*.

Educar uma criança é ajudá-la a compreender a liberdade e a *integração*. Para se ter liberdade é preciso ordem, a qual só a virtude pode dar; e a *integração* só é possível quando há grande simplicidade. Das nossas inúmeras complexidades devemos amadurecer para a simplicidade — tornar-nos simples, em nossa vida interior e em nossas necessidades exteriores.

A educação atual está toda interessada na eficiência exterior, desprezando inteiramente ou pervertendo, com deliberação, a natureza intrínseca do homem; só cuida de desenvolver uma parte dele, deixando que o resto se arraste como possa. Nossa interior confusão, nosso antagonismo e temor acabam sempre por subverter a estrutura exterior da sociedade, por melhor que ela tenha sido concebida e por mais habilmente que se tenha edificado. Não havendo educação correta, destruímo-nos uns aos outros, e é-nos

negada a segurança física. Educar o estudante corretamente é ajudá-lo a compreender o processo total de si mesmo; porque só com a integração da mente e do coração, no agir cotidiano, é que pode haver inteligência e transformação interior.

Ao mesmo tempo que ministra conhecimentos e preparo técnico, a educação deve, sobretudo, estimular uma visão *integrada* da vida; deve ajudar o estudante a reconhecer e a quebrar, em si próprio, todas as distinções e preconceitos, e demovê-lo da ávida busca de poder e de domínio. Deve incentivar a correta auto-observação e o experimentar da vida como um todo, quer dizer, não atribuir significação à parte, ao "eu" e ao "meu", mas, sim, ajudar a mente a transcender a si própria para descobrir o real.

A liberdade só nasce com o autoconhecimento, nas ocupações de cada dia, isto é, em nossas relações com pessoas, coisas, idéias e a natureza. Se o educador quer ajudar o discípulo a ser *integrado*, não deve dar preeminência exagerada, fanática, a nenhum aspecto isolado da vida. A compreensão do processo total da existência traz a *integração*. Quando há autoconhecimento, extingue-se a capacidade de criar ilusões e só então é possível manifestar-se a realidade ou Deus.

Os entes humanos precisam ser integrados, a fim de saírem incólumes de uma crise qualquer, especialmente da presente crise mundial; por conseguinte, o principal problema de pais e de mestres que têm, de fato, interesse na educação, é o de formar indivíduos *integrados*. Para fazê-lo, é claro, o educador deve ser, ele próprio, um indivíduo *integrado*; a educação correta, portanto, é de suma importância, não só para

os jovens, mas também para a geração mais velha, desde que esteja disposta a aprender e não se tenha cristalizado definitivamente em suas maneiras de ser. O que somos em nós mesmos é muito mais importante do que a tradicional questão sobre o que se deve ensinar à criança; e, se amamos nossos filhos, cuidaremos de que tenham os educadores convenientes.

O magistério não deve tornar-se uma profissão de especialistas. Se isto sucede — como é muito comum —, o amor desaparece; e o amor é essencial ao processo da *integração*. Para uma pessoa ser *integrada*, é necessário livrar-se do temor. O destemor traz independência sem crueldade, sem desprezo para com outrem, e é o fator mais relevante na vida. Sem amor, não podemos resolver nossos numerosos e contraditórios problemas; sem amor, a aquisição de saber só serve para aumentar a confusão e levar à autodestruição.

O homem *integrado* chegará à técnica pelo "experimentar", porque o impulso criador produz sua própria técnica — esta é a maior de todas as artes. Quando uma criança sente o impulso criador para pintar, começa a pintar, sem se preocupar com técnica alguma. Analogamente, os que estão experimentando e, destarte, ensinando, são os únicos mestres verdadeiros que criarão, também, sua técnica própria.

Isto, que parece muito simples, representa na verdade uma profunda revolução. Se refletirmos a seu respeito, perceberemos o extraordinário efeito que produzirá na sociedade. A maioria dos homens, atualmente, aos quarenta e cinco ou cinqüenta anos, está estiolada pela escravização à rotina, liquidada pela contemporização, pelo medo e pela submissão — ainda

que continue a lutar numa sociedade que pouco significa, exceto para os que a dominam e que estão em segurança. Se o mestre tem consciência deste fato e ele próprio está *experimentando*, quaisquer que sejam seu temperamento e suas aptidões, seus ensinamentos não serão matéria de rotina, e sim um instrumento de ajuda.

Para compreendermos uma criança, devemos observá-la quando brinca, estudá-la em suas diferentes disposições; não podemos "projetar" nela nossos próprios preconceitos, esperanças e temores, ou moldá-la e ajustá-la ao padrão dos nossos desejos. Se estamos constantemente julgando a criança de acordo com nossos gostos e aversões pessoais, é inevitável que criemos barreiras e obstáculos em nossas relações com ela e em suas relações com a vida. Infelizmente, em geral, queremos formar a criança de maneira que satisfaça às nossas próprias vaidades e idiossincrasias; sentimos, em graus variáveis, conforto e satisfação na posse e no domínio exclusivos.

Tal maneira de agir não é um estado de relação, mas simples imposição e, por conseguinte, é essencial se compreenda o dificultoso e complexo problema do domínio. Ele assume muitas formas sutis; e no seu aspecto "virtuoso" é sobremodo obstinado. O desejo de "servir", com a inconsciente ambição de dominar, é difícil de compreender. Pode haver amor onde há espírito de posse? Podemos estar em comunhão com aqueles que desejamos dominar? Dominar significa fazer uso de outrem para nossa satisfação própria, e na utilização de outra pessoa não pode haver amor.

Havendo amor, há consideração, não só para com as crianças, mas também para com todos os seres

humanos. Ou nos deixamos penetrar profundamente pelo problema, ou nunca encontraremos o método correto de educação. O mero preparo técnico concorre inevitavelmente para a crueldade, e para educarmos os nossos filhos precisamos ser sensíveis a todos os movimentos da vida. O que pensamos, o que fazemos, o que dizemos, tem infinita importância, porque cria o ambiente, e este ou ajuda ou entrava a criança.

Evidentemente, aqueles que sentirem profundo interesse pelo problema deverão começar a compreender a si mesmos e concorrer, assim, para transformar a sociedade; assumir a obrigação imediata de dar novo sentido à educação. Se amamos nossos filhos, não encontraremos uma forma de acabar definitivamente com a guerra? Mas, se estamos apenas usando a palavra "amor", sem substância, isto é, sem realmente senti-lo, todo o complexo problema do sofrimento humano continuará a existir. A solução desse problema depende de nós mesmos. Devemos começar a compreender nossas relações com os semelhantes, com a natureza, com as idéias e coisas, porque sem essa compreensão não há esperança nem possibilidade de sairmos do conflito e do sofrimento.

A educação de uma criança requer inteligente observação e zelo. Os especialistas, com toda a sua ciência, não podem substituir o amor dos pais, mas a grande maioria destes corrompe esse amor com seus próprios temores e ambições, que condicionam e deformam a visão da criança. Assim, bem poucos de nós se importam com o amor, contentando-se com a aparência de amor.

A atual estrutura pedagógica e social não leva o indivíduo à liberdade e à *integração*; se os pais sentem algum interesse e desejam que a criança desenvolva ao máximo suas capacidades, devem modificar a influência do lar e interessar-se pela criação de escolas com educadores adequados.

A influência do lar e a influência da escola não devem ser de modo algum contraditórias; logo, é mister que tanto os pais como os mestres reeduquem a si próprios. A contradição, tantas vezes existente entre a vida privada do indivíduo e sua vida como membro do grupo, gera uma luta incessante em seu íntimo e em suas relações.

Esse conflito é estimulado e mantido pela educação incorreta, e tanto os governos como as religiões organizadas agravam a confusão, com suas doutrinas contraditórias. A criança desde muito cedo fica intimamente dividida, e daí resultam desastres pessoais e sociais.

Se todos os que amamos nossos filhos e reconhecemos a urgência desse problema a ele nos dedicássemos de mente e coração, então, por menos numerosos que fôssemos, poderíamos, através da educação e de um compreensivo ambiente doméstico, contribuir para a formação de entes humanos *integrados*; mas, se, como tantos outros, enchemos nossos corações com as astúcias da mente, continuaremos a ver nossos filhos destruídos pela guerra, pela fome, e pelos próprios conflitos psicológicos.

A educação correta vem com a transformação de nós mesmos. Devemos reeducar-nos para não nos matarmos mutuamente por nenhuma causa, por mais

"sagrada" que seja, por ideologia alguma, por mais que prometa a felicidade futura para o mundo. Devemos aprender a ser compassivos, a contentar-nos com pouco, e a buscar o Supremo, porque só então poderá ocorrer a verdadeira salvação da humanidade.

CAPÍTULO III

INTELECTO, AUTORIDADE E INTELIGÊNCIA

Muitos de nós parecem acreditar que, ensinando todos os entes humanos a ler e a escrever, resolveremos os problemas humanos; mas essa idéia é provadamente falsa. As pessoas consideradas cultas não são amantes da paz, entes *integrados*, sendo também responsáveis pela confusão e pelas misérias do mundo.

Educação correta significa despertar a inteligência, cultivar uma vida integrada, e só tal educação pode criar uma nova civilização e um mundo pacífico; mas, para implantar esta nova espécie de educação, temos de começar de novo, numa base inteiramente diferente.

Enquanto o mundo desaba ao redor de nós, estamos discutindo teorias e vãs questões políticas, e entretemo-nos com reformas superficiais. Não indicará esta atitude absoluta falta de compreensão da nossa parte? Alguns dirão que sim, mas continuarão a fazer exatamente a mesma coisa que sempre fizeram — essa é a tristeza da vida. Quando ouvimos uma verdade e não agimos logo, ela se transforma em vene-

no dentro de nós, e este veneno se espalha, gerando perturbações psicológicas, desequilíbrio e doença. Apenas ao despertar no indivíduo a inteligência criadora, existe a possibilidade de uma vida cheia de paz e felicidade.

Não podemos tornar-nos inteligentes apenas substituindo um governo por outro, um partido ou classe por outra, um explorador por outro. A revolução cruenta nunca resolverá nossos problemas. Só uma profunda revolução interior, que altere todos os nossos valores, pode criar um ambiente diferente, uma estrutura social inteligente; e uma revolução deste gênero só pode ser realizada por vós e por mim. Nenhuma ordem nova surgirá enquanto, individualmente, não derribarmos nossas barreiras psicológicas e nos tornarmos livres.

Podemos traçar sobre o papel os planos de uma brilhante Utopia, de um valoroso mundo novo; mas o sacrifício do presente a um futuro desconhecido não resolverá, por certo, nenhum dos nossos problemas. São tantos os elementos que intervêm entre o agora e o futuro, que ninguém pode prever como ele será. O que podemos e devemos fazer, se estamos de fato interessados, é atirar-nos imediatamente aos nossos problemas e não adiá-los para o porvir. A eternidade não está no futuro; a eternidade é agora. Nossos problemas estão no presente e só no presente podem ter solução.

Se temos verdadeiro interesse, devemos regenerar-nos; mas só haverá regeneração quando nos libertarmos dos valores que criamos com os nossos desejos agressivos de autoproteção. O autoconhecimento é o

começo da liberdade, e só quando nos conhecermos a nós mesmos faremos nascer a ordem e a paz.

Aqui, perguntarão alguns: "Que pode fazer um só indivíduo, de efeito, na história? Pode realizar alguma coisa importante com sua maneira de viver?" Pode, indubitavelmente. Vós e eu não podemos, é verdade, sustar as guerras imediatas ou criar uma instantânea compreensão entre as nações; mas pelo menos podemos suscitar, no mundo de nossas relações diárias, uma básica e efetiva transformação.

O esclarecimento individual pode de fato influir em grandes coletividades, desde que o indivíduo não esteja ansioso pelos resultados. Quando só pensamos em ganho e resultados, a verdadeira transformação é impossível.

Os problemas humanos não são simples, mas extremamente complexos. Para compreendê-los é preciso paciência e discernimento, e é de suma importância que nós, como indivíduos, os resolvamos por nós mesmos. Eles não podem ser compreendidos com o auxílio de fórmulas cômodas ou de "slogans"; nem tampouco ser resolvidos nos seus respectivos níveis por especialistas, os quais, seguindo sempre determinada linha de ação, criarão por certo mais confusão e misérias. Nossos inúmeros problemas só serão compreendidos e solucionados, quando estivermos cônscios de nós mesmos como um processo total, isto é, ao compreendermos toda a nossa estrutura psíquica; nenhum guia político ou religioso pode dar-nos a chave dessa compreensão.

Para individualmente nos compreendermos, devemos estar conscientes das nossas relações, não só com

pessoas, mas também com a propriedade, com as idéias, e com a natureza. Se queremos operar uma verdadeira revolução nas relações humanas, que são a base de toda sociedade, temos de fazer uma transformação fundamental em nossos próprios valores e nossa perspectiva; mas evitamos essa transformação e procuramos fomentar no mundo revoluções políticas, as quais conduzem invariavelmente a morticínios e desastres.

As relações baseadas na sensação nunca podem ser um meio de nos libertarmos do "eu"; entretanto, a maior parte das nossas relações se baseia na sensação, é produto do nosso desejo pessoal de vantagem, conforto e segurança psicológica. Embora possam oferecer-nos uma momentânea fuga do "eu", essas relações só têm o efeito de reforçá-lo em suas atividades isolantes e escravizantes. As relações são um espelho em que se pode ver o "eu" em todas as suas atividades, e só quando forem compreendidos os movimentos do "eu", nas reações da vida de relação, dar-se-á a criadora libertação do jugo do "eu".

Para se transformar o mundo, é necessária a nossa regeneração interior. Nada se consegue com a violência, com a fácil liquidação mútua. Podemos encontrar um temporário desafogo aderindo a grupos, estudando métodos de reforma social e econômica, decretando leis, ou rezando. Mas, não importa o que façamos, se não possuímos o autoconhecimento e o amor que lhe é inerente, nossos problemas continuarão a expandir-se e multiplicar-se infindavelmente. Já se aplicarmos nossa mente e nosso coração à tarefa de nos conhecermos, resolveremos então, sem dúvida alguma, todos os nossos conflitos e tribulações.

A educação moderna nos está transformando em entidades sem compreensão; ela faz muito pouco no sentido de ajudar-nos a descobrir nossa vocação individual. Passamos em certos exames e depois, se temos sorte, arranjamos um emprego — o que quase sempre significa uma interminável rotina para o resto da vida. Podemos não gostar do nosso emprego, mas somos obrigados a conservá-lo, porque não temos outro meio de vida. Podemos desejar fazer algo inteiramente diferente, mas nossos compromissos e responsabilidades no-lo impedem; e sentimo-nos, também, inibidos pelas nossas próprias ansiedades e temores. Assim, frustrados, buscamos a fuga no sexo, na bebida, na política, ou numa religião de fantasia.

Ao serem contrariadas nossas ambições, damos importância desmedida ao que deveria ser normal, e criamos uma idéia fixa. Enquanto não tivermos uma compreensão total da nossa vida e do amor, dos nossos desejos políticos, religiosos e sociais, com suas exigências e seus obstáculos, teremos em nossas relações problemas cada vez maiores, e eles nos trarão padecimentos e destruições.

Ignorância é a falta de conhecimento da natureza do "eu", e esta ignorância não pode ser dissipada por atividades e reformas superficiais; só se dissipa com o nosso constante percebimento dos movimentos e reações do "eu" em todas as suas relações.

O que precisamos compreender é que não somos apenas condicionados pelo ambiente, mas que *somos* o ambiente, que não estamos separados dele. Nossos pensamentos e reações são condicionados pelos valores que a sociedade, da qual somos uma parte, nos impõe.

Nunca percebemos que somos o ambiente integral, porque existem em nós diversas entidades, e gravitam todas em redor do "eu". O "eu" é constituído dessas entidades, que são meros desejos em várias formas. Desse conglomerado de desejos surge a figura central, o "pensador", a vontade do "eu", estabelecendo-se assim uma divisão entre o "eu" e o "não-eu", entre o "eu" e o ambiente ou sociedade. Esta separação é o começo do conflito, interno e externo.

O percebimento desse processo integral — tanto o processo consciente como o oculto — é meditação; por meio dessa meditação, o "eu", com seus desejos e conflitos, pode ser transcendido. O autoconhecimento é necessário, se desejamos ficar livres das influências e dos valores que protegem o "eu"; só nessa liberdade existe a criação, a verdade, Deus, ou coisa equivalente.

O bom conceito e a tradição moldam-nos os pensamentos e sentimentos desde a idade mais tenra. As influências e impressões imediatas produzem efeito marcante e durável, traçando todo o curso da nossa vida consciente e inconsciente. O ajustamento começa na meninice, com a educação e a influência da sociedade.

O desejo de imitar é um poderoso fator em nossa vida, não só nos níveis superficiais, mas também nos mais profundos. Quase se pode dizer que não temos pensamentos e sentimentos independentes. Quando ocorrem, são meras reações e, por conseguinte, não estão livres do padrão estabelecido; porque na reação não há liberdade.

A filosofia e a religião estabelecem métodos pelos quais se pode chegar à compreensão da verdade ou

de Deus; entretanto, a observância de um método significa permanecer sem compreensão nem *integração*, por mais benefícios que o método pareça oferecer-nos em nossa vida social de cada dia. O impulso à adaptação, que é desejo de segurança, gera temor e põe na dianteira as autoridades políticas e religiosas, os líderes e os heróis, que nos estimulam à subserviência e pelos quais somos dominados, sutil ou grosseiramente; mas o não submeter-se é apenas uma reação contra a autoridade, que de modo algum concorre para nos tornar entes humanos integrados. A reação não tem fim, pois sempre leva a outra reação.

O ajustamento a qualquer padrão, com seu substrato de temor, representa um obstáculo; mas o simples reconhecimento intelectual desse fato não remove o obstáculo. Só quando temos plena consciência dele é que nos podemos libertar, sem criarmos novas e mais extensas séries de empecilhos.

Se somos interiormente dependentes, a tradição exerce forte domínio sobre nós; e a mente que pensa pelas rotinas tradicionais nunca pode descobrir aquilo que é novo. E, quando nos ajustamos, tornamo-nos medíocres imitadores, simples dentes de uma impiedosa máquina social. O que *nós* pensamos é que mais importa, e não o que outros *querem* que pensemos. Submetendo-nos à tradição, em pouco tempo nos tornamos meras cópias daquilo que "deveríamos" ser.

A imitação daquilo que "deveríamos ser" gera medo; e o medo destrói o pensamento criador. O medo embota a mente e o coração, de modo que não podemos estar despertos para sentir o inteiro significado da vida; tornamo-nos insensíveis aos nossos pró-

prios sofrimentos, aos movimentos dos pássaros, aos sorrisos e às lágrimas alheias.

O temor, tanto consciente como inconsciente, tem muitas e diferentes causas, e a atenta vigilância é que nos livra de todas elas. Não podemos eliminar o temor pela disciplina, pela sublimação ou por outro qualquer ato da vontade: cumpre descobrir-lhe as causas e compreendê-las, e isso requer paciência e uma percepção isenta de julgamento.

É relativamente fácil compreender e dissipar nossos temores conscientes. Mas os inconscientes nem sequer são descobertos pela maioria de nós, porque não os deixamos subir à superfície; e quando, em raras ocasiões, eles emergem, tratamos imediatamente de escondê-los, de fugir deles. Os temores ocultos se anunciam muitas vezes por meio de sonhos e outras formas de sugestão, e são causadores de maiores danos e conflitos do que os temores superficiais.

Nossa vida não está apenas à superfície, a maior parte se oculta à observação menos atenta. Se desejamos que o temores secretos saiam à luz e se dissipem, a mente consciente tem de estar tranqüila, e não perenemente agitada; depois, quando esses temores surgirem à superfície, deverão ser observados sem resistência alguma, porque toda forma de condenação ou justificação só pode fortalecer mais ainda o medo. Para nos libertarmos inteiramente do temor, devemos estar cônscios de sua influência perturbadora, e só uma vigilância constante pode revelar-nos as suas múltiplas causas.

Uma das conseqüências do medo é a aceitação da autoridade na existência humana. A autoridade é cria-

da pelo nosso desejo de estar certos, seguros, em conforto, de viver livres de conflitos ou perturbações conscientes; mas nada que resulte do temor pode ajudar-nos a compreender nossos problemas, ainda que o medo assuma o aspecto de respeito e submissão aos que são tidos por "sábios". O sábio não exerce autoridade alguma, e os que a exercem não revelam sabedoria. O temor, sob qualquer forma, impede-nos a compreensão de nós mesmos e das nossas relações com todas as coisas.

A obediência à autoridade é negação da inteligência. Aceitar a autoridade é submeter-se a domínio, sujeitar-se a um indivíduo, a um grupo, a uma ideologia religiosa ou política; e a submissão à autoridade é a negação não só da inteligência, mas também da liberdade individual. A adesão a um credo ou sistema de idéias é uma reação de autoproteção. Aceitar a autoridade pode ajudar-nos temporariamente a esconder nossas dificuldades e problemas, mas evitar um problema é apenas intensificá-lo e, quando o fazemos, renunciamos ao autoconhecimento e à liberdade.

Como é possível conciliar a liberdade com a aceitação da autoridade? Se há conciliação, aqueles que dizem estar à procura do autoconhecimento e da liberdade não estão fazendo esforços sérios nesse sentido. É como se pensássemos que a liberdade é uma meta final, um alvo, e que para nos tornarmos livres precisamos, em primeiro lugar, sujeitar-nos a várias formas de coibição e intimidação. Esperamos alcançar a liberdade pela submissão; mas os meios não têm a mesma importância que o fim? Os meios não moldam o fim?

Para termos paz, cumpre usar meios pacíficos; porque, se os meios são violentos, como pode o fim ser pacífico? Se o fim é a liberdade, então o começo deve ser livre, porquanto o começo e o fim estão unidos. Só pode haver autoconhecimento e inteligência quando existe liberdade exatamente no começo; e nega-se a liberdade com a aceitação da autoridade.

De várias maneiras veneramos a autoridade: saber, bom êxito, poder, etc. Exercemos autoridade sobre os mais jovens e, ao mesmo tempo, tememos a autoridade superior. Se o próprio homem não tem visão interior, o poder e a posição assumem enorme importância, e o indivíduo, cada vez mais submisso à autoridade e à compulsão, se torna apenas um instrumento. Podemos ver esse processo desenvolver-se em torno de nós: em momentos de crise as nações democráticas são iguais às totalitárias, esquecendo a democracia e forçando o homem à submissão.

Compreendendo a compulsão latente em nosso desejo de dominar ou de ser dominados, talvez possamos livrar-nos dos efeitos entorpecentes da autoridade. Desejamos, ardentemente, estar seguros, estar certos, ser bem sucedidos, saber; e esse desejo de certeza, de permanência, cria, dentro de nós, a autoridade da sociedade, da família, da religião, etc. Mas a simples rejeição da autoridade, a simples rejeição dos seus símbolos exteriores, é de mui pouca valia.

Abandonar uma tradição para submeter-se a outra, abandonar um guia para seguir outro, é uma atitude bem superficial. Se queremos estar cônscios de todo o processo da autoridade, compreender sua intrínseca natureza, compreender e transcender o desejo de certeza, necessitamos de ampla percepção e

discernimento, devemos ser livres, não no fim, mas no começo.

A ânsia de certeza, de segurança, é uma das principais atividades do "eu"; é esse impulso tirânico que deve ser vigiado sem descanso e não apenas torcido ou forçado a tomar outra direção, ou posto em conformidade com um padrão desejado. O "Ego", o "eu", o "meu", é muito forte em quase todos nós; dormindo ou acordados, ele está sempre desperto, sempre a fortalecer-se. Mas, havendo percebimento do "eu" e a compreensão de que todas as suas atividades, ainda mais sutis, as hão de levar inevitavelmente ao conflito e à dor, cessa de todo a ânsia de certeza e de continuidade. Precisamos estar constantemente vigilantes, para nos serem reveladas as tendências e artifícios do "eu"; assim que começamos a compreendê-los e a perceber a significação da autoridade, e tudo o que está implícito em nossa aceitação ou rejeição dela, já nos estamos desembaraçando da autoridade.

Enquanto a mente se deixar dominar e governar pelo seu próprio desejo de segurança, não lhe será possível libertar-se do "eu" e dos seus problemas; esta é a razão por que não podemos libertar-nos do "eu" por meio do dogma e a crença organizada chamada religião. O dogma e a crença são apenas projeções da nossa própria mente. Os ritos, o "puja", as formas consagradas de meditação, as palavras e frases constantemente repetidas, embora proporcionem certas reações agradáveis, não libertam a mente do "eu" e das suas atividades; porque o "eu" é, na essência, produto dos sentidos.

Em momentos de tribulação, voltamo-nos para o que chamamos Deus — pura imagem da nossa própria

mente — ou achamos explicações satisfatórias, e isso nos proporciona conforto temporário. As religiões que seguimos são criadas pelas nossas esperanças e temores, pelo nosso desejo de segurança e conforto interiores; e com a veneração da autoridade, seja a de um salvador, seja a de um mestre ou sacerdote, vem a submissão, a aceitação, a imitação. Assim, somos explorados em nome de Deus, tal como somos explorados em nome de partidos e ideologias, — e continuamos sofrendo.

Todos somos humanos — não importa o nome que nos atribuímos — e sofrer é o nosso destino. O penar atinge a todos nós, idealistas e materialistas. O idealismo é uma fuga do que *é*, e o materialismo é uma outra maneira de negar as profundezas insondáveis do presente. Tanto o idealista como o materialista têm suas maneiras próprias de evitar o complexo problema do sofrimento; um e outro estão dominados por suas próprias ânsias, ambições e conflitos, e seu modo de vida não conduz à tranqüilidade. São ambos responsáveis pela confusão e pelas misérias do mundo.

Ora, quando nos achamos em estado de conflito, de sofrimento, não há compreensão; nesse estado, nossa ação, por mais hábil e desveladamente que seja concebida, só pode levar a maior confusão e maior sofrimento. Para compreendermos o conflito e, por conseguinte, livrar-nos dele, é necessária uma percepção lúcida dos movimentos da mente consciente e inconsciente.

Não há idealismo nem sistema ou padrão de espécie alguma que possa ajudar-nos a deslindar os profundos movimentos da mente; pelo contrário, qualquer formulação ou conclusão só impedirá seu desco-

brimento. O esforço para alcançar o que "deveria ser", a aderência a princípios e ideais, a determinação de um alvo — tudo isso leva a numerosas ilusões. Se queremos conhecer-nos, necessitamos de certa espontaneidade, certa liberdade para observar, e tal não é possível quando a mente está encerrada nos valores superficiais, idealistas ou materialistas.

Existência significa relações; e quer pertençamos ou não a uma religião organizada, quer sejamos mundanos ou estejamos presos na armadilha dos ideais, só podemos superar o sofrimento pela compreensão de nós mesmos nas relações. Apenas o autoconhecimento pode trazer a tranqüilidade e a felicidade ao homem, porque o autoconhecimento é o começo da inteligência e da integração. A inteligência não é mero ajustamento superficial; nem cultivo da mente, aquisição de saber. Inteligência é a capacidade de compreender as coisas da vida, é a percepção dos valores corretos.

A educação moderna, desenvolvendo o intelecto, ministra teorias e mais teorias, fatos e mais fatos, mas não nos faz compreender o processo total da existência humana. Somos altamente intelectuais; desenvolvemos mentes astuciosas, e vivemos num emaranhado de explicações. O intelecto se satisfaz com teorias e explicações, a inteligência não; e para a compreensão do processo total da existência, é necessária uma integração da mente e do coração no agir. A inteligência não está separada do amor.

Para a maioria de nós é extremamente difícil realizar esta revolução interior. Sabemos meditar, sabemos tocar piano, escrever, mas não temos conhecimento algum *daquele* que medita, que toca, que escre-

ve. Não somos criadores, porque enchemos de saber, de erudição e de arrogância nossos corações e nossas mentes; estamos cheios de citações do que outros pensaram e disseram. Mas o experimentar vem em primeiro lugar, e não a maneira de experimentar. É necessário que haja amor, para que possa haver a expressão do amor.

Está claro, pois, que do mero cultivo do intelecto, isto é, do desenvolvimento das aptidões e conhecimentos, não resulta inteligência. Há distinção entre intelecto e inteligência. Intelecto é o pensamento funcionando independente da emoção, e inteligência é a capacidade de *sentir* e *raciocinar;* e enquanto não apreciarmos a vida com inteligência, e não apenas com o intelecto ou só com o sentimento, nenhum sistema político ou educativo do mundo nos salvará do caos e da destruição.

A erudição não é comparável à inteligência, erudição não é sabedoria. A sabedoria não é comerciável, não é artigo adquirível pelo preço do estudo e da disciplina. Ela não se encontra nos livros; não pode ser acumulada, guardada ou armazenada na memória. Vem a sabedoria com a negação do "eu". Ter a mente aberta importa mais do que aprender; e podemos ter a mente aberta, não quando a abarrotamos de conhecimentos, mas ao estarmos cônscios dos nossos próprios pensamentos e sentimentos, ao observarmos com cuidado a nós mesmos e as influências em derredor, ao ouvirmos a outrem, ao contemplarmos o rico e o pobre, o poderoso e o humilde. Não se adquire sabedoria mediante o temor e a opressão, mas só pelo exame e pela compreensão dos incidentes de cada dia nas relações humanas.

Com a nossa busca de saber, com a nossa avidez estamos perdendo o amor, estamos embotando o sentimento do belo, a sensibilidade à crueldade; estamo-nos tornando cada vez mais especializados e cada vez menos *integrados*.

Não podemos substituir a sabedoria pela erudição, e não há quantidade de explicações, não há acúmulo de fatos que liberte o homem do sofrimento. A erudição é necessária, a ciência tem o seu lugar próprio; mas, se a mente e o coração estão sufocados pela erudição, e se a causa do sofrimento é posta de parte com uma explicação, a vida se torna vazia e sem sentido. E não é isso que está acontecendo à maioria de nós? Nossa educação nos está tornando cada vez mais superficiais; não nos ajuda a descobrir as camadas profundas do nosso ser, e nossas vidas se estão tornando cada vez mais desarmônicas e vazias.

O saber, o conhecimento de fatos, embora em constante crescimento, é por sua própria natureza limitado. A sabedoria é infinita, abarcando o saber e a esfera da ação; mas, se nos apoderamos de um ramo, pensamos que temos a árvore toda. O conhecimento da parte nunca nos fará conhecer a alegria do todo. O intelecto jamais nos levará ao todo, porque ele é apenas um segmento, uma parte.

Separamos o intelecto do sentimento, desenvolvemos o intelecto à custa do sentimento. Somos como um tripé com uma perna mais longa do que as outras, e não temos equilíbrio. Somos educados para intelectuais; nossa educação cultiva o intelecto para torná-lo penetrante, astucioso, ambicioso, e assim ele tem o papel mais importante em nossa vida. A inteligência supera o intelecto porque é a *integração* da razão e

do amor; mas só pode haver inteligência quando há autoconhecimento, a profunda compreensão do processo total de nós mesmos.

O essencial para o homem, jovem ou velho, é que viva plena e integralmente, e, por conseguinte, nosso mais relevante problema é o cultivo da inteligência, que traz *integração*. Atribuir-se indevida importância a qualquer uma das partes da nossa organização total dá-nos uma visão parcial e, portanto, deformada da vida. É essa visão deformada que está causando a maioria de nossas dificuldades. Todo desenvolvimento parcial de nossa feição geral será inevitavelmente desastroso, tanto para nós como para a sociedade; eis por que é da maior importância que consideremos os problemas humanos de um ponto de vista *integrado*.

Ser um ente humano *integrado* é compreender o processo completo da nossa própria consciência, tanto oculta como evidente. Não é possível ser integrado se atribuímos indevido valor ao intelecto. Muito valorizamos o cultivo da mente, mas dentro de nós somos insuficientes, pobres e confusos. Viver pelo intelecto é o caminho das desintegração, porque as idéias, assim como as crenças, não podem unir as pessoas, a não ser como grupos antagônicos.

Enquanto dependermos do pensamento como meio de integração, haverá desintegração; compreender a ação desintegradora do pensamento é estar cônscio dos movimentos do "eu", dos movimentos do nosso próprio desejo. Devemos ter consciência do nosso condicionamento e das suas reações, tanto coletivas como pessoais. Só quando estamos perfeitamente cônscios das atividades do "eu" com seus desejos e lutas contra-

ditórias, suas esperanças e temores, temos possibilidade de transcender o "eu".

Apenas o amor e o pensar correto farão a verdadeira revolução, a revolução interior. Mas como podemos ter amor? Podemos tê-lo, não pelo cultivo do ideal do amor, e sim quando não há ódio, quando não há avidez, quando a consciência do "eu", causa de todo antagonismo, se extingue. Um homem todo entregue às atividades de exploração, ganância, inveja, nunca poderá amar.

Sem amor e sem pensar correto, a opressão e a crueldade crescerão continuamente. O problema do antagonismo do homem com o homem pode ser resolvido, não pelo cultivo do ideal da paz, mas pelo entendimento das causas da guerra, que residem em nossa atitude perante a vida e perante nossos semelhantes; e este entendimento só surgirá com a educação correta. Sem uma transformação do coração, sem boa vontade, sem a mudança interior, oriunda do autopercebimento, não haverá paz nem felicidade para os homens.

CAPÍTULO IV

EDUCAÇÃO E PAZ UNIVERSAL

PARA descobrirmos o papel que a educação pode ter na presente crise mundial, devemos compreender como se originou essa crise. Ela, evidentemente, decorre de uma falsa escala de valores em nossas relações com as pessoas, com a propriedade e com as idéias. Se nossas relações com os outros se alicerçam no desejo de grandeza, e a que mantemos com a propriedade se funda na aquisição, a estrutura da sociedade será uma estrutura de concorrência e isolamento. Se nas relações com as idéias justificamos uma ideologia em oposição a outra, nascem, inevitavelmente, a mútua desconfiança e a malevolência.

Outra causa do presente caos é a submissão à autoridade, aos guias, quer na vida prática, quer na escola ou universidade. Os guias e sua autoridade são fatores degenerativos, em qualquer civilização. Ao seguirmos outra pessoa não há compreensão, mas só medo e submissão, de que resulta, por fim, a crueldade do Estado totalitário e o dogmatismo da religião organizada.

Confiar em que os governos, as organizações, as autoridades nos dêem a paz, que deve começar com a compreensão de nós mesmos, é criar novos e maiores conflitos; e não haverá felicidade duradoura enquanto aceitarmos uma ordem social onde há perene luta e antagonismo entre os homens. Se desejamos mudar as condições vigentes, devemos de início transformar-nos, isto é, devemos estar cônscios das nossas próprias ações, pensamentos e sentimentos na vida de cada dia.

Mas não desejamos realmente a paz, não nos interessa pôr cobro à exploração. Não queremos interferências em nossa avidez, nem modificações nas bases da nossa estrutura social presente; queremos que as coisas continuem como estão, com modificações apenas superficiais, e por isso é inevitável que os poderosos e os astutos governem nossas vidas.

A paz não se alcança com uma ideologia, não depende de legislação; só vem quando começamos, como indivíduos, a compreender nosso processo psicológico. Se fugimos à responsabilidade de agir individualmente e esperamos surja algum sistema novo para implantar a paz, tornar-nos-emos simples escravos desse sistema.

Quando os governos, os ditadores, os magnatas do comércio e o poder clerical começarem a compreender que esse crescente antagonismo entre os homens só leva à destruição indiscriminada, e já não representa um fator de lucro, é provável que nos forcem, pela legislação ou por outros meios coercitivos, a dominar nossas ânsias e ambições pessoais e a cooperar para o bem-estar da humanidade. E, assim como agora

nos educam e exercitam para a competição e a crueldade, seremos então forçados a respeitar-nos mutuamente e a trabalhar para o mundo como um todo.

E, ainda que todos tenhamos o que comer, o que vestir e onde morar, não nos libertaremos dos conflitos e antagonismos, que passarão a outro plano, aí continuando a existir, mais diabólicos e devastadores. A única ação moral ou justa é voluntária, e só a compreensão pode trazer a paz e a felicidade ao homem.

As crenças, as ideologias e as religiões organizadas nos põem contra nossos semelhantes; há conflito, não só entre comunidades diferentes, mas entre grupos de uma mesma comunidade. Devemos compreender que, enquanto nos estivermos identificando como um país, enquanto nos apegarmos à segurança, enquanto vivermos condicionados por dogmas, haverá sempre luta e sofrimentos dentro em nós e no mundo.

Há também a questão do patriotismo. Quando é que nos sentimos patriotas? O patriotismo não é evidentemente uma emoção natural, de todos os dias. Somos diligentemente estimulados a ser patriotas, pelos livros escolares, pelos jornais e outros meios de propaganda, que nos incitam ao egotismo racial, pelo culto aos heróis nacionais e pelo ensino de que a nossa pátria e a nossa maneira de vida são melhores do que as dos outros. Este espírito de patriotismo alimenta-nos a vaidade desde a infância até a velhice.

A asserção constantemente repetida de que pertencemos a um certo grupo político ou religioso, que somos desta ou daquela nação, lisonjeia nossos insignificantes "egos", enfunando-os como velas e dispondo-nos, no fim, a matar ou a morrer pela nossa pátria,

raça ou ideologia. Tudo isso é tão insensato e desnatural! Ora, por certo, os entes humanos são mais importantes do que as fronteiras nacionais e ideológicas.

O espírito separatista do nacionalismo está-se alastrando como um incêndio pelo mundo todo. O patriotismo é cultivado e sagazmente explorado pelos que buscam expansão, poderes mais amplos, mais riqueza; e cada um de nós toma parte nesse processo, uma vez que também desejamos tais coisas. A conquista de outras terras e de outros povos provê novos mercados, não só para mercadorias, mas também para ideologias políticas e religiosas.

Devemos considerar todas essas expressões da violência e do antagonismo com a mente livre de preconceitos, isto é, com uma mente não identificada com nação, raça ou ideologia alguma, e que procura compreender o que é verdadeiro. Há grande alegria em ver as coisas claramente, sem sofrer influência das idéias e preceitos de outros, tais como dos governos, dos especialistas, ou dos eruditos. Uma vez compenetrados realmente de que o patriotismo é um obstáculo à felicidade humana, não teremos de lutar contra essa falsa emoção em nós, porque ele se desvaneceu para sempre.

O nacionalismo, o espírito patriótico, a consciência de classe e de raça são características do "eu", e, por conseguinte, fatores de separação. Afinal de contas, que é uma nação senão um grupo de indivíduos que vivem juntos por motivos econômicos e de autoproteção? Do medo e do espírito aquisitivo de defesa própria, surge a idéia de "minha pátria", com suas fronteiras e suas barreiras alfandegárias, idéia essa

incompatível com a fraternidade e a unificação dos homens.

O desejo de governar e possuir, a ânsia de estarmos identificados com algo maior do que nós mesmos, cria o espírito de nacionalismo, e o nacionalismo é o pai da guerra. Em todos os países, os governos, secundados pela religião organizada, estão nutrindo o nacionalismo e o espírito de desunião. O nacionalismo é uma doença e nunca há de promover a união mundial. Não podemos adquirir saúde através da doença; precisamos em primeiro lugar livrar-nos da doença.

Porque somos nacionalistas e estamos prontos a defender nossos Estados soberanos, nossas crenças e conquistas, vivemos perpetuamente armados. A propriedade e as idéias tornaram-se mais importantes para nós do que a vida humana, e por isso há constante antagonismo e violência entre nós e os outros. Para manter a soberania da nossa pátria, estamos destruindo nossos filhos. Rendendo culto ao Estado, que nada mais é do que uma "projeção" de nós mesmos, estamos sacrificando nossos filhos à nossa própria satisfação. O nacionalismo e os governos soberanos são as causas e os instrumentos da guerra.

Nossas atuais instituições sociais não podem evolver para uma federação mundial, visto que seus próprios alicerces não são sadios. Os parlamentos e os sistemas de educação que sustentam a soberania nacional e encarecem a importância do grupo jamais porão fim à guerra. Todo grupo separado de indivíduos, com seus governantes e governados, é uma fonte de guerra. Enquanto não alterarmos de maneira essencial as atuais relações entre os homens, nossas atividades hão de levar-nos inevitavelmente à confusão e

tornar-se um instrumento de destruição e desgraça; enquanto existir violência e tirania, mentira e propaganda, não teremos a fraternidade humana.

Educando as pessoas para serem, apenas, admiráveis engenheiros, brilhantes, cientistas, dirigentes capazes, artífices peritos, nunca se promoverá a união dos oprimidos com os opressores; e, evidentemente, nosso atual sistema de educação, que sustenta as diversas causas geradoras da inimizade e do ódio entre os seres humanos, nunca impediu o assassínio em massa cometido em nome da pátria ou em nome de Deus.

As religiões organizadas, com sua autoridade temporal e espiritual, são igualmente incapazes de dar a paz, porquanto também elas são produto de nossa ignorância e temor, de nossa hipocrisia e egoísmo.

Nosso desejo de segurança, neste mundo ou no outro, cria instituições garantidoras dessa segurança. Entretanto, quanto mais lutarmos pela segurança, tanto menos segurança teremos. Nosso desejo de estar seguros só facilita a divisão e aumenta o antagonismo. Se sentimos e compreendemos a essência desta verdade, não apenas verbal ou intelectualmente, porém com todo o nosso ser, começaremos a alterar fundamentalmente nossas relações com os nossos semelhantes no mundo em derredor; e só então será possível a união e a fraternidade.

Quase todos nós estamos dominados por temores de toda espécie e vivemos muito preocupados com nossa própria segurança. Esperamos que, graças a algum milagre, as guerras se acabem e, enquanto isso, acusamos outros grupos nacionais de instigadores da

guerra, e estes, por sua vez, nos lançam a culpa dessa calamidade. Embora a guerra seja tão manifestamente nociva à sociedade, estamos sempre preparando a guerra e despertando na mocidade o espírito belicoso.

Cabe na educação a instrução militar? Isso depende da espécie de entes humanos que desejamos fazer dos nossos filhos. Se queremos que se tornem eficientes assassinos, então é necessária a instrução militar. Se queremos disciplinar e nivelar-lhes os espíritos, se é nosso propósito fazê-los nacionalistas e, portanto, irresponsáveis perante a coletividade social, então a instrução militar é um bom modo de efetivá-lo. Se amamos a morte e a destruição, não há dúvida de que, nesse caso, o preparo militar é bem relevante. A função dos generais é preparar e sustentar a guerra; e, se nossa intenção é viver numa batalha constante com nós mesmos e nossos semelhantes, trataremos por todos os meios, então, de ter mais generais.

Se vivemos apenas para manter uma luta constante dentro de nós mesmos e com os outros, se é nosso desejo perpetuar a efusão de sangue, o desespero, há, então, necessidade de mais soldados, de mais políticos, de mais inimizade — como acontece atualmente. A moderna civilização baseia-se na violência; está, portanto, cortejando a morte. Enquanto tivermos o culto da força, viveremos na área da violência. Mas, se desejamos paz, se desejamos relações corretas entre os homens, quer sejam cristãos, quer hinduístas, russos, americanos, se desejamos que os nossos filhos sejam entes humanos *integrados*, nesse caso a instrução militar é um obstáculo positivo, uma forma errada de começar.

Uma das causas principais do ódio e da cizânia é a crença na superioridade de uma raça em relação a outra. A criança não tem consciência de classe nem de raça; é o ambiente doméstico ou da escola, ou os dois juntos, que lhe incutem o sentimento de distinção. Ela própria não se importa se seu companheiro de folguedos é negro ou judeu, brâmane ou não-brâmane; mas a influência da estrutura social está sempre a martelar-lhe a mente, impressionando-a e moldando-a.

Aqui também o problema não diz respeito à criança, mas aos adultos que criaram um ambiente insensato de separatismo e falsos valores.

Que base real existe para diferençar os seres humanos? Nossos corpos podem diferir na constituição e na cor, nossos rostos são também dessemelhantes, mas da pele para dentro somos bem parecidos: orgulhosos, ambiciosos, invejosos, violentos, lascivos, despóticos, etc. Tire-se-nos o rótulo, e ficamos nus; como não queremos ver nossa nudez, fazemos questão do rótulo — índice de falta de madureza, prova de sermos verdadeiramente infantis.

Para darmos à criança a possibilidade de crescer livre de preconceitos, devemos em primeiro lugar eliminar todos os preconceitos existentes em nós mesmos e em nosso ambiente — e isso significa demolir a estrutura dessa sociedade insensata criada por nós. Em casa, podemos mostrar à criança quanto é absurdo uma pessoa ter consciência de sua classe ou raça, e ela provavelmente concordará conosco; mas quando, na escola, começa a brincar com outras crianças, contamina-se do espírito de separação. Ou pode dar-se o inverso: o lar ser tradicional, rigorista, e a influência

da escola mais liberal. Em ambos os casos há uma batalha constante entre os ambientes do lar e da escola, e a criança é quem sofre as conseqüências.

Para educarmos uma criança sadiamente, despertando-lhe o percebimento para que distinga estes estultos preconceitos, temos de estar em estreita relação com ela. Devemos conversar com ela e fazê-la ouvir conversas inteligentes. Devemos nutrir-lhe o espírito de inquirição e de descontentamento já nela existente, ajudando-a a descobrir por si mesma o que é verdadeiro e o que é falso.

É a indagação constante, a autêntica insatisfação que faz nascer a inteligência criadora; mas é extremamente difícil manter acesos a investigação e o descontentamento, e a maioria dos pais não quer que os filhos tenham esta espécie de inteligência, por ser muito desagradável morar com alguém que está sempre pondo em dúvida os valores convencionais.

Todos nós somos descontentes quando jovens, mas, por desventura nossa, o descontentamento depressa se desvanece, abafado pelas nossas tendências imitativas e nossa veneração da autoridade. À medida que ficamos mais velhos, começamos a cristalizar-nos, a tornar-nos satisfeitos e medrosos; tornamo-nos bons administradores, sacerdotes, funcionários de bancos, gerentes de fábricas, técnicos — e principia a lenta decomposição. Como desejamos conservar nossos empregos e nossa posição, defendemos a sociedade que no-los deu e na qual fruímos certa dose de segurança.

O controle da educação pelo governo é uma calamidade. Não haverá esperança de paz e de ordem.

no mundo, enquanto a educação for a ancila do Estado ou da religião organizada. Entretanto, os governos estão tomando conta das crianças e do futuro delas; e, quando não é o governo, são as organizações religiosas que procuram controlar a educação.

Esse condicionar da mente infantil, para adaptá-la a uma determinada ideologia política ou religiosa, cria inimizade entre os homens. Numa sociedade de competição não podemos ter fraternidade, e não há reforma, nem ditadura, nem método educativo capaz de promovê-la.

Enquanto um for neozelandês e outro hindu, é absurdo falarmos de união da humanidade. Como podemos unir-nos, nós, entes humanos se cada um em sua terra mantém seus preconceitos religiosos e os próprios métodos econômicos? Como pode haver fraternidade onde o patriotismo está separando o homem do homem e milhões vivem num regime de restrições, imposto pelas crises econômicas, enquanto outros prosperam? Como pode haver união entre os homens quando as crenças nos separam, quando há domínio de um grupo por outro, quando os ricos são poderosos e os pobres ambicionam igual poder, quando as terras estão mal distribuídas, quando uns andam bem nutridos e multidões a morrer de fome?

Um dos obstáculos é que não estamos seriamente interessados nessas coisas, pois não desejamos sujeitar-nos a grandes perturbações. Preferimos alterar as coisas de maneira que nos sejam vantajosas, e por isso não levamos bastante a sério nossa própria inanidade e crueza.

Pode-se alcançar a paz pela violência? Pode-se conseguir a paz gradualmente, através de um lento

processo de tempo? Ora, o amor, por certo, não é coisa dependente de exercício ou do tempo. As duas últimas guerras foram ganhas para a *democracia* — creio eu — e agora estamos preparando outra guerra maior e mais destrutiva, e os povos são menos livres. Mas, que aconteceria se puséssemos de parte esses evidentes obstáculos à compreensão, tais como a autoridade, a crença, o nacionalismo e o espírito hierárquico? Seríamos pessoas isentas de autoridade, entes humanos em relação direta uns com os outros e talvez então houvesse amor e compaixão.

Na educação, como em qualquer outro setor, o essencial é haver pessoas compreensivas e afetuosas que não tenham os corações cheios de frases ocas, cheios das coisas da mente.

Se a finalidade da vida é viver feliz, com compreensão, com desvelos, com afeto, é então importantíssimo compreendamos a nós mesmos; e, se desejamos edificar uma sociedade verdadeiramente esclarecida, necessitamos de educadores que compreendam o significado da integração e estejam, por conseguinte, aptos a transmitir à criança essa compreensão.

Tais educadores representariam um perigo para a hodierna estrutura social. Mas, não desejamos deveras edificar uma sociedade esclarecida, e qualquer professor que, reconhecendo o profundo significado da paz, começasse a denunciar o verdadeiro sentido do nacionalismo e a estupidez da guerra, seria logo demitido. Sabendo disso, a maioria dos mestres contemporiza, ajudando, assim, a manter o atual sistema de exploração e violência.

Sem dúvida, para descobrir a verdade devemos estar livres de toda luta, interior ou com o nosso pró-

ximo. Se não nos achamos em íntimo conflito, não temos conflito externo. É a luta interior que, projetada no exterior, se converte em conflito mundial.

A guerra é a projeção estrondosa e sangrenta do nosso viver de cada dia. Nós a precipitamos com a ação de nossa vida diária; e, se não há transformação em nós mesmos, forçosamente existirão antagonismos nacionais e raciais, disputas infantis em torno de ideologias, soldados e mais soldados, salvas às bandeiras, e todas as brutalidades do assassínio organizado.

A educação está falhando no mundo inteiro, produzindo destruição e miséria crescentes. Os governos exercitam os jovens para serem os eficientes soldados e técnicos de que necessitam; a estrita disciplina e os preconceitos estão sendo cultivados e incutidos à viva força. Considerando esses fatos, cumpre-nos investigar o sentido da existência e a significação e a finalidade de nossas vidas. Cumpre-nos descobrir os meios benéficos de criar um novo ambiente; porque o ambiente pode converter a criança num bruto, num frio especialista, ou dela fazer um ente humano sensível e inteligente. Temos de criar para o mundo um governo radicalmente diferente, não baseado no nacionalismo, nas ideologias, na força.

Tudo isso implica compreensão das nossas recíprocas responsabilidades na vida de relação; mas, para compreender nossa responsabilidade, precisamos ter amor no coração, e não apenas erudição ou saber. Quanto maior o nosso amor, tanto mais profunda será a sua influência na sociedade. Nós, no entanto, só temos cérebro e nenhum coração; cultivamos o intelecto e desprezamos a humildade. Se realmente amássemos nossos filhos, desejaríamos salvá-los e prote-

gê-los, não permitiríamos que fossem sacrificados nas guerras.

Parece que de fato nós queremos armas; gostamos da ostentação do poder militar, dos uniformes, dos ritos, das libações, do barulho, da violência. Nossa vida diária é um reflexo em miniatura da mesma e brutal superficialidade, e nos estamos destruindo uns aos outros pela inveja e pela incompreensão.

Queremos ser ricos, e quanto mais enriquecemos tanto mais cruéis nos tornamos, ainda que façamos grandes donativos a instituições de caridade e de educação. Depois de assaltar a vítima, devolvemos-lhe uma parte do roubo, — e chamamos a isso filantropia. Creio que não prevemos as catástrofes que estamos preparando. Em geral, vivemos cada dia o mais rápida e despreocupadamente possível, abandonando aos governos, aos políticos astuciosos, a direção das nossas vidas.

Todos os governos soberanos têm de preparar a guerra, e o *nosso* governo não é exceção. Para tornar os cidadãos eficientes na guerra, prepará-los para cumprir eficazmente os seus deveres, é óbvio que o governo precisa controlá-los e dominá-los. Precisa educá-los para atuarem como máquinas, e para serem impiedosamente eficientes. Se a finalidade e o alvo da vida é destruir ou ser destruído, então a educação *deve* cultivar a crueldade; e não estou nada certo sobre se não é isso o que intimamente desejamos, visto que a crueldade está em relação direta com o culto do bom êxito.

O Estado Soberano não quer que seus cidadãos sejam livres, que pensem por si mesmos, e os controla

por meio da propaganda, por meio de falsas interpretações da história, etc. É por isso que a educação se está tornando cada vez mais um meio de ensinar *o que* pensar e não *como* pensar. Se pensássemos independentemente do sistema político vigente, seríamos perigosos; instituições livres poderiam formar pacifistas ou indivíduos capazes de pensar de maneira contrária ao regime em vigor.

A educação correta é evidentemente um perigo para os governos soberanos, — e por isso ela é impedida de maneira rude ou sutil. A educação e a alimentação, controladas por uns poucos, se tornaram o meio de dominar o homem; e os governos, quer da esquerda, quer da direita, não se interessam, desde que continuemos a ser máquinas eficientes de fabricar mercadorias e balas de fuzil.

Ora, o fato de estar isso acontecendo no mundo inteiro significa que, fundamentalmente, não nos faz diferença — a nós, que somos os cidadãos e os educadores, e também os responsáveis pelos governos existentes — não nos faz diferença se há liberdade ou escravidão, paz ou guerra, bem-estar ou sofrimento para a humanidade. Queremos uma reformazinha aqui e ali, mas quase todos nós receamos deitar abaixo a presente sociedade para construir uma estrutura completamente nova, porque isso exigiria uma radical transformação de nós mesmos.

De outra parte, há os que preconizam a revolução violenta. Depois de terem ajudado a edificar a vigente ordem social, com todos os seus conflitos, sua confusão e suas misérias, desejam agora organizar uma sociedade perfeita. Mas pode qualquer de nós organizar uma sociedade perfeita quando fomos nós mes-

mos que criamos a atual? Crer que a paz se alcançará pela violência é sacrificar o presente a um ideal futuro; e essa busca de um fim correto por meios errôneos é uma das causas da presente calamidade.

A expansão e o predomínio dos valores sensoriais cria o veneno do nacionalismo, das fronteiras econômicas, dos governos soberanos, e do espírito patriótico, que tornam impossível a cooperação do homem com o homem e corrompem as relações humanas, que é a sociedade. A sociedade são as relações existentes entre as pessoas; e, se não forem compreendidas profundamente essas relações, não num nível único, mas de modo integral, como um processo total, criaremos de novo, infalivelmente, a mesma espécie de estrutura social, embora modificada na superfície.

Se queremos transformar radicalmente nossas atuais relações humanas, causadoras de inenarráveis sofrimentos para o mundo, nossa única e imediata tarefa é a de transformar-nos pelo autoconhecimento. E voltamos, assim, ao ponto central, que somos "nós mesmos", ponto que evitamos, transferindo a responsabilidade para os governos, as religiões e as ideologias. O governo é o que *nós* somos; religiões e ideologias são apenas projeções de nós mesmos; e, enquanto não *nos transformarmos* fundamentalmente, não haverá nem educação correta nem um mundo em paz.

A segurança exterior para todos só virá quando houver amor e inteligência; e, como criamos um mundo de conflito e sofrimento, no qual a segurança exterior se está tornando impossível para todos, não indica isso a total inutilidade da educação de hoje e a da antiga? Como pais e como mestres, cabe-nos a responsabilidade direta de nos libertarmos do modo tra-

dicional de pensar, evitando cair na dependência dos especialistas e das suas conclusões. A eficiência técnica deu-nos certa capacidade de ganhar dinheiro e por isso a maioria de nós está satisfeita com a presente estrutura social; mas ao verdadeiro educador só interessa o viver correto, a correta educação, e os meios de vida adequados.

Quanto mais irresponsáveis somos em relação a estas questões, tanto mais o Estado toma a si a responsabilidade. O que temos à nossa frente não é uma crise política ou econômica, mas uma crise de degradação humana, que nenhum partido político ou sistema econômico é capaz de debelar.

Outro desastre, maior ainda que os anteriores, aproxima-se perigosamente, e nós, na grande maioria, estamos de braços cruzados. Continuamos, dia a dia, exatamente como dantes; não queremos despojar-nos dos falsos valores e começar de novo. Queremos fazer reformas de remendos, que só levarão a problemas relativos a ulteriores reformas. Mas o edifício está desabando, as paredes cedem e o fogo o está destruindo. Temos de abandoná-lo e lançar-nos à obra, noutro terreno, com diferentes alicerces, valores novos.

Não podemos abandonar os conhecimentos técnicos, mas podemos tornar-nos interiormente cônscios de nossa fealdade, nossa crueldade, nossa hipocrisia e desonestidade, nossa absoluta falta de amor. Só quando, inteligentemente, nos libertarmos do espírito de nacionalismo, da inveja, e da sede de poder, será possível o estabelecimento de uma nova ordem.

A paz não pode ser conseguida por uma reforma de remendos, nem por uma reorganização de velhas

idéias e superstições. Só haverá paz ao compreendermos o que está além do superficial, e dessa maneira detivermos a onda de destruição desencadeada pela nossa própria agressividade e pelos nossos temores; então haverá esperanças para os nossos filhos e salvação para o mundo.

CAPÍTULO V

A ESCOLA

A EDUCAÇÃO correta tem por escopo a liberdade individual, pois só esta pode promover a verdadeira cooperação com o todo, com a coletividade. Mas essa liberdade não se alcança quando o indivíduo só está interessado no próprio engrandecimento e bom êxito. A liberdade vem com o autoconhecimento, mediante o qual a mente se eleva acima dos empecilhos que para si própria criou ao ansiar por segurança.

É função da educação ajudar cada indivíduo a descobrir todos esses empecilhos psicológicos, e não apenas impor-lhe novos modelos de conduta, novos modos de pensar. Tais imposições nunca despertarão a inteligência, a compreensão criadora, servindo apenas para condicionar mais ainda o indivíduo. Por certo é isso o que está acontecendo no mundo inteiro, sendo esta a razão por que os nossos problemas continuam a existir e a multiplicar-se.

Só quando começarmos a compreender o profundo significado da vida humana, haverá a verdadeira educação; mas, para compreender, deve a mente libertar-se, inteligentemente, do desejo de recompensa, que

faz nascer o temor e o ajustamento a padrões. Se consideramos nossos filhos como propriedade nossa, se eles representam o prolongamento de nossos pequeninos "egos" e o preenchimento de nossas ambições, então edificaremos um ambiente, uma estrutura social onde não existirá o amor e sim, tão-só, a luta pela obtenção de vantagens pessoais.

Uma escola próspera, no sentido mundano, é, via de regra, um fracasso como centro educativo. Uma grande e florescente instituição onde centenas de crianças são educadas em conjunto pode, com toda a sua encenação e renome, produzir funcionários de bancos e excelentes vendedores, industriais ou comissários, gente superficial e tecnicamente eficiente; só podemos, no entanto, fundar nossas esperanças no indivíduo "integrado", e este apenas as escolas pequenas podem contribuir para formá-lo. Eis por que é muito mais importante que tenhamos escolas com um limitado número de alunos e alunas, e educadores adequados, do que pôr em prática os mais modernos e os melhores métodos em grandes instituições.

Infelizmente, um dos nossos desacertos é supor que devemos operar em escala "colossal". Em geral, queremos amplas escolas, com edifícios majestosos — muito embora, evidentemente, não sejam verdadeiros centros educativos — porque desejamos transformar ou influenciar o que chamamos "as massas".

Mas, quem são "as massas"? Nós e outrem. Não nos deixemos seduzir pela idéia de que as massas precisam também ser educadas corretamente. A consideração relativa à "massa" é uma forma de fuga à ação imediata. A educação correta se tornará universal se começarmos com o que está em nossa imediata proxi-

midade, se estivermos cônscios de nós mesmos nas relações com os filhos, os amigos, e nossos semelhantes. Nossa atividade pessoal no mundo em que vivemos, no mundo da família e dos amigos, terá influência e efeito expansivos.

Com plenitude de consciência em todas as nossas relações, descobriremos as confusões e limitações em nós existentes e que agora ignoramos; e, uma vez cônscios delas, poderemos compreendê-las e dissolvê-las. Sem esse percebimento e o autoconhecimento que o acompanha, qualquer reforma, na educação ou noutros setores, só há de conduzir a mais antagonismo e mais sofrimentos.

Fundando enormes instituições e contratando preceptores que preferem seguir um sistema a estar despertos e vigilantes em suas relações com cada estudante, não fazemos mais que incentivar a acumulação de fatos, o desenvolvimento de capacidades, o hábito de pensar mecanicamente, em conformidade com um padrão; é óbvio que nada disso ajuda o estudante a tornar-se um ente humano "integrado". Podem os sistemas ter limitada aplicação, nas mãos de educadores vigilantes e judiciosos, mas não concorrem para a formação da inteligência. Todavia, é estranho como as palavras "sistema", "instituição", e semelhantes, assumem para nós tanta importância. Os símbolos tomaram o lugar da realidade, e muito folgamos com isso, porquanto a realidade é perturbadora e as sombras(1) nos dão conforto.

Nada de essencial valor se pode realizar pela instrução em massa, e sim, unicamente, pelo estudo cuida-

---

(1) Isto é, as *sombras* da realidade (os símbolos). (N. do T.).

doso e a compreensão das dificuldades, tendências e aptidões de cada criança. Os que estão cônscios desta orientação e desejam ardentemente compreender a si próprios e auxiliar os jovens deveriam unir-se e fundar uma escola de vital significação na vida da criança, ajudando-a a ser um ente integrado e inteligente. Para inaugurar uma escola desse gênero, não é preciso esperar os recursos necessários. Qualquer pessoa pode ser um verdadeiro mestre na sua própria casa, e para tanto não faltarão oportunidades àqueles que sentem verdadeiro interesse.

Os que amam os filhos e as crianças do seu próprio meio, e que estão, por conseguinte, seriamente intencionados, haverão de interessar-se pela instalação de uma escola nas adjacências ou na própria casa. Então aparecerá o dinheiro, que é a última coisa em ordem de importância. A manutenção de uma escola pequena do gênero adequado é, sem dúvida, financeiramente difícil; só pode ela florescer à custa de sacrifícios individuais e não com o apoio de uma gorda conta bancária. O dinheiro corrompe, invariavelmente, quando não há amor e compreensão. Mas, se se tratar de uma escola realmente boa, virá a ajuda necessária. Havendo amor à criança, tudo é possível.

Enquanto for atribuída a máxima importância à instituição, a criança não terá valor algum. Ao verdadeiro educador interessa o indivíduo, e não, o número de discípulos que tem; e esse educador descobrirá que poderá manter uma escola de suma relevância e significação com a ajuda de alguns pais. Mas o *mestre* deve ter a flama do interesse; se este for apenas moderado, a instituição será igual a outra qualquer.

Os pais que deveras amam os filhos recorrerão à legislação e a outros meios, para estabelecerem escolas dotadas de verdadeiros educadores; e não se deixarão desalentar pela circunstância de serem dispendiosas as escolas pequenas, e difíceis de achar os verdadeiros educadores.

Deverão, entretanto, compreender que vão encontrar a inevitável oposição dos que têm interesses a defender, dos governos e das religiões organizadas, uma vez que tais escolas não podem deixar de ser profundamente revolucionárias. A verdadeira revolução não é a revolução violenta, mas a que se realiza pelo cultivo da integração e da inteligência de entes humanos, os quais, pela influência de suas vidas, promoverão gradualmente radicais transformações na sociedade.

É de suma importância que todos os mestres de uma escola dessa natureza se unam voluntariamente, sem terem sido persuadidos ou nomeados; porque a voluntária independência das coisas mundanas é a única base adequada a um verdadeiro centro educativo. Para que os mestres possam ajudar-se mutuamente e os estudantes compreender os verdadeiros valores, é necessária uma vigilância constante em suas relações cotidianas.

Na reclusão de uma pequena escola, uma pessoa está sujeita a esquecer-se da existência de um mundo exterior com seus crescentes conflitos, destruições e sofrimentos. Esse mundo não está separado de nós. Pelo contrário, é parte de nós mesmos, uma vez que nós o fizemos tal como é: eis a razão por que, para que possa operar-se uma alteração fundamental na

estrutura da sociedade, a educação correta representa o primeiro passo.

Só a educação correta, e não as ideologias, os líderes e as revoluções econômicas, pode dar solução definitiva aos nossos problemas e sofrimentos. Perceber a verdade desse fato não é coisa que exija convicção intelectual ou emocional, ou argumentação sutil.

Se o núcleo do corpo docente de uma escola adequada é dedicado e dinâmico, atrairá a si outros elementos igualmente decididos, e aqueles que não tiverem interesse sentir-se-ão, em breve, completamente deslocados. Se o centro for resoluto e vigilante, a periferia indiferente perderá toda a significação e cairá por si; mas, se o centro for indiferente, todo o grupo será indeciso e sem energia.

O centro não pode ser constituído unicamente pelo diretor. O entusiasmo ou o interesse que depende de uma só pessoa está fadado a definhar e a morrer. Tal interesse é superficial, instável e sem nenhum valor, uma vez que pode ser desviado para qualquer lado, tornar-se subserviente aos caprichos e fantasias de outro. Se o diretor for uma personalidade dominante, então, evidentemente, não poderá existir nenhum espírito de liberdade e cooperação. Um "caráter forte" poderá erigir uma escola de primeira ordem, mas, a pouco e pouco, surgirá uma atmosfera de temor e subserviência e, conseqüentemente, em geral acontece que o resto do pessoal é constituído de entidades negativas.

Um grupo dessa espécie não pode conduzir ninguém à liberdade e à compreensão individuais. O corpo docente não deve estar sob o domínio do diretor,

e o diretor não deve assumir toda a responsabilidade; ao contrário, cada professor deve sentir-se responsável pelo todo. Havendo apenas interesse da parte de uns poucos, a indiferença ou a oposição do resto tolherá ou desorientará o esforço geral.

Pode-se duvidar de que seja possível manter uma escola sem uma autoridade central; mas, na verdade, não o sabemos, visto que isso jamais se experimentou. Por certo, num grupo de verdadeiros educadores nunca se apresentará o problema da autoridade. Se todos se esforçam por ser livres e inteligentes, é possível a cooperação em todos os planos. Aos que nunca se aplicaram profundamente e com perseverança à tarefa da educação correta, a falta de uma autoridade central poderá parecer uma teoria impraticável; mas, quando uma pessoa está dedicada por inteiro à educação correta, não há necessidade de estimulá-la, dirigi-la ou controlá-la. Os mestres inteligentes são flexíveis no exercício de suas funções; ao mesmo tempo que procuram ser individualmente livres, subordinam-se aos regulamentos e fazem o que é necessário fazer em benefício de toda a escola. O verdadeiro interesse é o começo da proficiência, e um e outro se fortalecem pela aplicação.

Se, não compreendendo a significação psicológica da obediência, nos decidimos simplesmente a desobedecer à autoridade, isso só nos levará à confusão. Não se deve essa confusão à ausência de autoridade, mas à falta de um interesse profundo e mútuo na educação correta. Existindo real interesse, há ajustamento constante e judicioso, por parte de todos os professores, aos requisitos e necessidades da manutenção de uma escola. Em todas as relações são inevitáveis atritos e

divergências, os quais, entretanto, assumem proporções exageradas quando não há a coesão e a cordialidade derivadas do interesse comum.

Numa escola adequada cumpre haver irrestrita cooperação entre os professores. O corpo docente deve reunir-se amiúde para tratar dos vários problemas escolares; e, uma vez chegados a acordo sobre determinada medida, não haverá evidentemente nenhuma dificuldade em executá-la. Se uma decisão tomada pela maioria não tiver a aprovação de um dos lentes, poderá ser novamente debatida na reunião seguinte.

Nenhum mestre deve temer o diretor, e este não deve sentir timidez alguma perante os professores mais idosos. Só é possível perfeita concórdia ao existir o sentimento de absoluta igualdade entre todos. Numa boa escola deve prevalecer sempre esse sentimento de igualdade, porque só pode haver verdadeira cooperação quando inexistente o sentimento de superioridade bem como o seu oposto. Havendo confiança mútua, qualquer dificuldade ou divergência, em vez de ser eliminada de maneira superficial, será devidamente levada em consideração e a confiança restabelecida.

Não estando os mestres bem compenetrados de sua missão e firmes no seu interesse, haverá forçosamente inveja e antagonismo entre eles, que despenderão todas as energias em torno de particularidades insignificantes e em fúteis pendências; enquanto que quaisquer irritações ou discordâncias superficiais poderão ser prontamente superadas se houver um interesse ardente em promover a educação correta. Os pormenores que tão importantes se afiguravam se reduzem às proporções normais, os conflitos e antago-

nismos pessoais são reconhecidos como coisas vãs e destrutivas, e todas as conversas e trocas de idéias levarão cada um a reconhecer *o que é razoável* e não *quem* tem razão.

Todas as dificuldades e divergências deverão ser debatidas entre os que cooperam para um fim comum, porquanto isso concorrerá para dissipar a confusão existente no pensar de qualquer deles. Quando houver firme interesse, haverá também franqueza e camaradagem entre os mestres e nunca poderá manifestar-se antagonismo algum entre eles; faltando esse interesse, embora superficialmente possam cooperar em proveito mútuo, haverá sempre conflito e inimizade.

Pode haver, é certo, outros fatores de conflito entre os membros do corpo docente. Um mestre pode estar fatigado por excesso de trabalho, outro pode ter preocupações pessoais ou domésticas, e outros, ainda, talvez não estejam profundamente interessados no que estão fazendo. Sem dúvida, todos esses problemas podem ser considerados minuciosamente nas reuniões dos professores, porquanto o interesse mútuo produz a cooperação. É óbvio que nada se pode criar de verdadeiramente significativo se só uns poucos fazem tudo e os restantes ficam na penumbra.

A eqüitativa distribuição do trabalho proporciona folgas a todos, e cada qual naturalmente tem direito a um pouco de descanso. Um professor esgotado por excesso de trabalho se transforma em problema para si mesmo e para os outros. Todo indivíduo submetido a um esforço excessivo está sujeito a tornar-se letárgico, indolente, sobretudo se está fazendo algo de que não gosta. Torna-se impossível a recuperação das energias se há constante atividade física ou mental; mas

a questão do repouso pode ser resolvida amigavelmente, em condições aceitáveis para todos.

O que constitui lazer varia de indivíduo para indivíduo. Para aqueles que sentem extraordinário interesse no seu trabalho, esse trabalho, em si, é lazer; a própria ação inspirada pelo interesse, como, por exemplo, o estudo, é uma forma de descanso. Para outros, o descanso pode consistir em recolher-se ao isolamento.

Para que o educador tenha algum tempo livre, deve ser responsável apenas por um número de estudantes com que possa lidar facilmente. É quase impossível estabelecerem-se relações diretas e significativas entre mestre e discípulo quando o mestre tem a responsabilidade de turmas muito numerosas e incontroláveis.

Esta é mais uma razão por que as escolas devem ser pequenas. Muito importa, evidentemente, ter um número limitado de estudantes em cada classe, para que o educador possa dispensar toda a atenção a cada um. Isso não é possível quando o grupo é grande demais, e então o sistema de punição e recompensa se torna um recurso cômodo para manter a disciplina.

Não é possível a educação correta *en masse*. O estudo de cada criança exige paciência, vigilância e inteligência. Observar as tendências da criança, suas aptidões, seu temperamento, compreender suas dificuldades, levar em conta os fatores hereditários e a influência dos pais, e não apenas considerá-la como enquadrada em certa categoria — tudo isso requer mente ágil e flexível, desembaraçada de sistemas e preconceitos. Exige habilidade, intenso interesse e sobretudo um sentimento de afeição; e formar educadores

dotados dessas qualidades representa, hoje em dia, um dos nossos maiores problemas.

Toda a escola deve estar sempre imbuída do espírito de liberdade individual e de compreensão. Isso dificilmente poderá ficar ao acaso, e a fortuita e indiferente menção das palavras "liberdade" e "compreensão" pouco significa.

Sobremodo importante é que estudantes e mestres se reúnam periodicamente a fim de tratarem dos assuntos concernentes ao bem-estar de todo o grupo. Deve também constituir-se um conselho de estudantes, junto ao qual estejam representados os professores, para atender aos problemas relativos à disciplina, à limpeza, à alimentação, etc., devendo contribuir, também, para orientar os estudantes que acaso se mostrem imoderados, indiferentes, ou obstinados.

Devem os estudantes escolher dentre eles os responsáveis pela execução das decisões e pela assistência à superintendência geral. Com efeito, o autogoverno na escola é uma preparação para o autogoverno na vida futura. Se, enquanto está na escola, o jovem aprende a ser atencioso, impessoal e inteligente em todos os debates relativos aos seus problemas diários, quando tiver mais idade saberá enfrentar, com acerto e sem paixão, as dificuldades maiores e mais complexas da vida. Deve a escola estimular os jovens a compreender suas mútuas dificuldades e peculiaridades, índoles e temperamentos; desse modo, quando forem adultos, serão mais solícitos e pacientes em suas relações com outrem.

Esse mesmo espírito de compreensão e liberdade deve também manifestar-se nos estudos do jovem. Para tornar-se um ente criador e não mero autômato,

o estudante nunca deve ser induzido a aceitar fórmulas e conclusões. Mesmo no estudo de uma ciência cabe ao mestre argumentar com ele, ajudando-o a perceber o problema na sua inteireza e a exercer o próprio discernimento.

E quanto à questão de guiar o estudante? Não se lhe deve dar nenhuma orientação? A resposta a esta pergunta depende do que se entende por "orientação". Se os mestres tiverem eliminado dos seus corações o temor e o desejo de domínio, estarão aptos a ajudar o estudante a descobrir a compreensão criadora e a liberdade; mas se, consciente ou inconscientemente, tiverem algum desejo de guiá-lo a determinado alvo, então, é óbvio, estarão obstando ao seu desenvolvimento. Guiar para determinado objetivo, *quer pessoalmente criado*, quer estabelecido por outrem, prejudica a capacidade criadora.

Se ao educador interessa a liberdade do indivíduo, e não os próprios preconceitos, ele ajudará o jovem a descobrir aquela liberdade, estimulando-o a compreender seu próprio ambiente, seu temperamento, sua educação religiosa e doméstica, com todas as possíveis influências. Se houver amor e liberdade no coração dos mestres, eles atenderão a cada estudante, tendo sempre em mente suas necessidades e dificuldades; nessas condições, não serão simples autômatos, que operam em conformidade com métodos e fórmulas, mas entes humanos espontâneos, sempre vigilantes e observadores.

A educação correta deve, também, ajudar o estudante a descobrir o que mais o interessa. Não descobrindo sua verdadeira vocação, toda a vida lhe parecerá perdida; sentir-se-á frustrado numa ocupação que

desempenha a contragosto. Se deseja ser artista e em vez disso se torna funcionário de escritório, passará a vida a murmurar e a lamentar-se. Importa, pois, que cada um descubra o que deseja fazer e veja, em seguida, se é coisa digna de ser feita. Pode um jovem, por exemplo, desejar ser militar; antes, porém, de iniciar-se na carreira militar cumpre-nos ajudá-lo a descobrir se a profissão de militar traz benefícios à humanidade em geral.

A educação correta deve ajudar o estudante não só a desenvolver suas aptidões, mas também a compreender aquilo que lhe desperta maior interesse. Num mundo atormentado por guerras, destruição e miséria, compete ao indivíduo ser capaz de edificar uma nova ordem social e de inaugurar uma nova maneira de viver.

A missão de construir uma sociedade pacífica e esclarecida incumbe sobretudo ao educador, e é bem evidente — sem nos agitarmos emocionalmente a esse respeito — que se lhe oferece uma oportunidade excepcional de contribuir para essa transformação social. A educação correta não depende das determinações de governo algum, nem dos métodos de um sistema; ela está em nossas próprias mãos, nas mãos dos pais e dos mestres.

Se os pais tivessem verdadeira afeição aos filhos, cuidariam de edificar uma nova sociedade; mas, fundamentalmente, a maioria dos pais não tem essa afeição e, assim, não lhes sobra tempo para atender a esse urgentíssimo problema. Tempo têm eles para ganhar dinheiro, para divertimentos, ritos e devoções; nunca, porém, para refletir sobre a espécie de educação que mais convém aos filhos. Aí está um fato que a maioria das pessoas não deseja encarar, porque isso signi-

ficaria renunciar a seus divertimentos e distrações, o que, por certo, não têm vontade de fazer. Nessas condições, mandam os filhos para escolas onde o professor é tão negligente quanto eles. E porque deveria deixar de sê-lo? Para ele, o magistério é um simples emprego, uma forma de ganhar dinheiro.

Se erguermos a cortina, veremos como é superficial, como é artificial e feio o mundo que criamos; nós, porém, ficamos a adornar a cortina, esperando que de algum modo tudo saia certo. A maioria das pessoas, infelizmente, não encara a vida com seriedade, a não ser, talvez, quando se trata de ganhar dinheiro, conquistar poder, ou buscar excitações sexuais. Não deseja enfrentar as outras complexidades da vida, e essa é a razão por que os jovens crescem e se tornam indivíduos imaturos e "não-integrados", como seus pais, empenhados numa constante batalha dentro de si e com o mundo.

Dizemos tão facilmente que amamos nossos filhos! Mas existirá amor em nossos corações se aceitamos as condições sociais vigentes, se não desejamos realizar uma transformação fundamental nesta sociedade destrutiva? E, enquanto admitimos que os especialistas eduquem nossos filhos, continuará havendo esta mesma confusão e miséria; porque os especialistas, uma vez que só lhes interessa a parte e não o todo, também são entes "não-integrados".

Em vez de ser a ocupação mais honrosa e de maior responsabilidade, a educação é considerada hoje em dia com muito pouco caso e a maioria dos preceptores se acha estabilizada numa rotina. Não lhes interessa realmente a integração e a inteligência, mas só a transmissão de conhecimentos; e o homem que se

limita a transmitir conhecimentos, estando o mundo a desabar em torno dêle, não é um educador.

O educador não é um mero transmissor de conhecimentos; é um homem que mostra o caminho da sabedoria, da verdade. A verdade releva bem mais que o preceptor. A busca da verdade é religião, e a verdade não tem pátria, nem credo, não se encontra em nenhum templo, igreja ou mesquita. Sem a busca da verdade, a sociedade depressa decai. Para criarmos uma nova sociedade, cumpre a cada um de nós ser um verdadeiro mestre, e isso significa que devemos ser, simultaneamente, discípulo e mestre, que temos de educar-nos a nós mesmos.

Se se deseja estabelecer uma nova ordem social, não há lugar para os que ensinam apenas a troco de um salário. Considerar a educação como meio de vida é explorar os jovens em benefício próprio. Numa sociedade esclarecida não terão os preceptores preocupação alguma com seu bem-estar pessoal, e a comunidade proverá às suas necessidades.

O verdadeiro educador não é o homem que funda uma imponente organização educativa, nem o que é instrumento dos políticos, nem o que está ligado a algum ideal, crença ou nação. C verdadeiro educador é interiormente rico e, por conseguinte, nada deseja para si; não é ambicioso e não busca o poder sob nenhuma forma; não se serve do ensino como meio de alcançar posição ou autoridade, e está livre, portanto, da compulsão da sociedade e do controle dos governos. Aos preceptores dessa espécie cabe o primeiro lugar numa civilização esclarecida, porque a verdadeira cultura se funda, não nos engenheiros e técnicos, mas nos educadores.

CAPÍTULO VI

PAIS E MESTRES

A EDUCAÇÃO verdadeira começa com o educador, que deve compreender-se e estar livre dos padrões convencionais de pensamento. Porque o que ele é, ele transmite. Se não foi educado corretamente, que pode transmitir senão o mesmo saber mecânico que serviu de base à sua própria educação? O problema, portanto, não é a criança, mas o pai e o preceptor; o problema é educar o educador.

Se nós, os educadores, não compreendemos a nós mesmos, se não compreendemos nossas relações com a criança e apenas a entulhamos de conhecimentos e a fazemos passar em exames, de que maneira poderemos inaugurar uma educação de nova espécie? O discípulo é para ser guiado e ajudado, mas, se o próprio guia e ajudante está confuso, é tacanho, nacionalista e dogmático, então, naturalmente, o discípulo será igual a ele, tornando-se a educação uma fonte de maior confusão e luta.

Se percebermos essa verdade, compreenderemos que o importante é começarmos a educar-nos corretamente. Interessar-nos pela nossa própria educação é

bem mais necessário do que preocupar-nos com o futuro bem-estar e segurança do jovem.

Educar o educador — isto é, fazê-lo compreender a si mesmo — é empresa das mais difíceis, porque nós, em geral, já estamos cristalizados num sistema de pensamento ou padrão de ação; já nos entregamos inteiramente a alguma ideologia, religião, ou padrão de conduta. Por essa razão é que ensinamos ao jovem *o que* pensar e não *como* pensar.

Além disso, os pais e os mestres vivem sobremodo ocupados com os próprios conflitos e tribulações. Ricos ou pobres, a maioria dos pais está engolfada nas suas preocupações e atribulações pessoais. A deterioração social e moral de hoje não os preocupa seriamente, e seu único desejo é que os filhos se aparelhem para vencer na vida. Sentem-se ansiosos a respeito do futuro dos filhos e desejosos de que sejam educados para ocupar posições seguras ou fazer bons casamentos.

Ao contrário do que geralmente se crê, em regra os pais não amam os filhos, embora digam o contrário. Se os pais amassem realmente os filhos, não se daria tanta significação à família e à nação como opostos ao todo, visto que isso gera divisões sociais e raciais entre os homens e produz guerras e miséria. Realmente, é extraordinário ver como os indivíduos são submetidos a rigoroso preparo para se tornarem advogados ou médicos, enquanto lhes é permitido tornar-se pais sem preparação de espécie alguma para esta importantíssima missão.

De ordinário, a família, com suas tendências de separação, favorece o processo geral de isolamento, tornando-se assim um fator de deterioração na socie-

dade. Só quando existe amor e compreensão podem ser destruídas as muralhas do isolamento, e então a família já não é um círculo fechado, já não é uma prisão ou refúgio; então, os pais se acham em comunhão não só com os filhos, mas também com seus semelhantes.

Por se acharem inteiramente absorvidos nos próprios problemas, muitos pais transferem ao preceptor a responsabilidade pelo bem-estar dos filhos; conseqüentemente, importa que o educador contribua também para a educação dos pais.

Deve falar-lhes, explicar-lhes que o confuso estado do mundo espelha sua própria confusão individual. Impende mostrar-lhes que o progresso científico em si não pode operar nenhuma transformação radical nos valores predominantes; que o ensino técnico, hoje chamado educação, não deu ao homem liberdade alguma nem o tornou mais feliz; e que condicionar o estudante para aceitar o atual ambiente não conduz à inteligência. Deve dizer-lhes o que está fazendo em benefício do seu filho e de que maneira o está fazendo. Cabe-lhe despertar a confiança dos pais, sem assumir a autoridade de um especialista a tratar com leigos ignorantes, mas conversando com eles a respeito do temperamento, das dificuldades, das aptidões etc., da criança.

Se o mestre demonstra verdadeiro interesse na criança como indivíduo, os pais confiarão nele. Assim procedendo, o educador está educando os pais bem como a si mesmo, uma vez que deles também aprende. A educação correta é uma tarefa mútua, que requer paciência, consideração e afeto. Os mestres esclarecidos, numa comunidade esclarecida, poderiam re-

solver esse problema da educação dos jovens, e nesse terreno devem realizar-se experiências em pequena escala por parte de preceptores interessados e de pais criteriosos.

Perguntam os pais alguma vez a si mesmos por que têm filhos? Têm filhos para perpetuar o seu nome, conservar sua propriedade? Desejam filhos unicamente para deleite próprio, para satisfação de suas necessidades emocionais? Se assim é, tornam-se os filhos mera projeção dos desejos e temores dos pais.

Podem os pais protestar amor aos filhos quando, educando-os erroneamente, fomentam a inveja, a inimizade e a ambição? É amor estimular antagonismos nacionais e raciais, conducentes à guerra, à ruína e à aflição extrema? É amor lançar os homens uns contra os outros em nome de religiões e ideologias?

Muitos pais impelem os filhos para as vias do conflito e do sofrimento, não só permitindo que sejam inconvenientemente educados, mas também pela própria conduta na vida; e depois, quando os filhos crescem e sofrem, rezam por eles ou procuram escusas para seu comportamento. O sofrimento dos pais pelos filhos é uma espécie de autocompaixão, decorrente do sentimento de posse; tal coisa só pode acontecer quando não existe amor.

Se os pais amarem os filhos, não serão nacionalistas, nem se identificarão com nação alguma, porque o culto do Estado produz a guerra, que mata e lhe mutila os filhos. Se os pais amarem os filhos, descobrirão a relação correta com a propriedade, porque o instinto de posse conferiu à propriedade um extraordinário e falso significado, que está destruindo o mun-

do. Se os pais amarem os filhos deixarão de pertencer a qualquer organização religiosa, porque o dogma e a crença dividem os indivíduos em grupos antagônicos, criando inimizade entre os homens. Se os pais amarem os filhos porão fim à inveja e à competição e tratarão de alterar fundamentalmente a estrutura da hodierna sociedade.

Enquanto desejarmos que nossos filhos sejam poderosos, ocupem posições mais importantes e melhores, alcancem êxitos cada vez maiores, não existirá amor em nossos corações, pois o culto do bom êxito fomenta o conflito e o sofrimento. Amar os filhos é estar em perfeita comunhão com eles, é interessar-se em que tenham a espécie de educação que os ajude a ser sensíveis, inteligentes e integrados.

A primeira coisa que um preceptor deve perguntar a si mesmo, quando decide ensinar, é o que entende, precisamente, por ensino. Pretende ele ensinar as matérias costumeiras pela maneira habitual? Pretende condicionar a criança para se tornar um dente da máquina social, ou deseja ajudá-la a ser um ente humano integrado e criador, uma ameaça aos falsos valores? E para que o educador possa ajudar o estudante a examinar e compreender os valores e influências que o rodeiam e de que ele se faz parte, não deve, primeiramente, estar consciente deles? Se um indivíduo é cego, como pode ajudar outros a atravessar para a outra margem? Evidentemente, deve o educador, antes, começar a *ver*. Cumpre-lhe manter-se sempre vigilante, intensamente cônscio dos próprios pensamentos e sentimentos, cônscio das maneiras por que está condicionado, cônscio das suas atividades e suas reações; porque dessa vigilância surge a inteligência

e com ela uma transformação radical das suas relações com pessoas e coisas.

A inteligência não tem relação alguma com a capacidade de passar em exames. Inteligência é a percepção espontânea que torna um homem livre e forte. Para despertarmos a inteligência numa criança, devemos começar por compreender, por nós mesmos, o que é inteligência. Como podemos exigir que uma criança seja inteligente, se nós mesmos, a vários respeitos, continuamos pouco inteligentes? O problema não são apenas as dificuldades da criança, mas também as nossas, os constantes e crescentes temores, tristezas e frustrações de que não estamos isentos. Para habilitar-nos a ajudar a criança a ser inteligente, temos de destruir, dentro em nós mesmos, esses obstáculos que nos estão tornando embotados e incapazes de pensar.

Como podemos ensinar os jovens a não buscar a segurança pessoal se nós próprios a estamos buscando? Que esperanças pode haver para os jovens se nós, os pais e mestres, não estamos inteiramente abertos à vida, se levantamos muralhas protetoras em redor de nós? Para descobrirmos o verdadeiro significado desta luta pela segurança, que está causando tamanha desordem no mundo, cabe-nos começar por despertar nossa própria inteligência, tornando-nos cônscios dos nossos "processos" psicológicos; cumpre-nos começar pondo em dúvida todos os valores que ora nos aprisionam.

Não devemos continuar aceitando, inconsideradamente, o padrão em que por acaso fomos criados. Como pode haver harmonia no indivíduo e, por conseguinte, na sociedade, se não compreendemos a nós mesmos? A menos que o educador se compreenda,

a menos que perceba as próprias reações condicionadas e comece a libertar-se dos valores vigentes, de que maneira poderá despertar a inteligência na criança? E, se é incapaz de despertar a inteligência na criança, qual é então sua função?

Só pela compreensão das tendências do nosso pensamento e sentimento podemos realmente ajudar a criança a ser um ente humano livre; e, se o educador estiver muito interessado nisso, manter-se-á intensamente vigilante, não só da criança, mas também de si mesmo.

Poucos de nós observamos nossos próprios pensamentos e sentimentos. Se eles são manifestamente feios, não lhes compreendemos o inteiro significado, e procuramos, apenas, reprimi-los ou afastá-los. Não estamos profundamente cônscios de nós mesmos; nossos pensamentos e sentimentos são estereotipados, automáticos. Aprendemos umas poucas matérias, acumulamos alguns conhecimentos e, depois, tentamos transmiti-los aos jovens.

Mas, se estamos vivamente interessados, não trataremos unicamente de manter-nos bem informados sobre as experiências que se estão fazendo em diferentes partes do mundo, na educação, mas também de conhecer com muita clareza nossa atitude pessoal com relação a este problema: por que e para que estamos educando os jovens e a nós mesmos. Investigaremos o significado da existência, as relações do indivíduo com a sociedade, etc. Sem dúvida, devem os educadores estar bem cônscios desses problemas e procurar ajudar a criança a descobrir a verdade a eles relativa, sem projetar nelas as próprias idiossincrasias e hábitos de pensamento.

A mera observância de um sistema político ou educativo nunca resolverá os numerosos problemas sociais e é bem mais importante compreendermos a nossa atitude pessoal com relação a qualquer problema, do que compreendermos o problema em si.

Se se quer que os jovens sejam livres de temor — seja dos pais, seja do ambiente, seja de Deus — o próprio educador não deve temer nada. Esta, porém, é a dificuldade — encontrar preceptores que não estejam sob o domínio de alguma espécie de medo. O medo estreita o pensamento e limita a iniciativa, e o preceptor que o sente não pode, naturalmente, transmitir o significado profundo do ser sem medo. Como a bondade, o temor é contagioso. Se o próprio educador teme secretamente, transmitirá esse temor a seus discípulos, embora a contaminação não seja logo percebida.

Suponhamos, por exemplo, que um mestre tenha medo da opinião pública; que reconheça o absurdo de tal temor e, entretanto, seja incapaz de transcendê-lo. Que deve fazer? Pode, ao menos, reconhecê-lo, de si para consigo, e ajudar os discípulos a compreenderem o temor, expondo sua própria reação psicológica e falando-lhes francamente a esse respeito. Esta maneira honesta e sincera de proceder muito estimulará os discípulos a serem também francos e diretos com relação a si mesmos e com relação ao mestre.

Para dar à criança a liberdade, cumpre ao educador estar cônscio de todo o alcance e significação da liberdade. O exemplo e a compulsão, sob qualquer forma que seja, não contribuem para a liberdade, e só na liberdade pode haver autodescobrimento e penetração.

A criança é influenciada pelas pessoas e pelas coisas que a circundam, e ao verdadeiro educador cabe ajudá-la a descobrir essas influências e seu exato valor. Os valores corretos não se descobrem por influência da autoridade da sociedade ou da tradição; só a reflexão individual pode revelá-los.

Se o mestre compreender isso a fundo, estimulará o discípulo, desde o começo, a despertar o discernimento dos valores individuais e sociais da atualidade. Estimula-lo-á a buscar, não determinada ordem de valores, mas o verdadeiro valor de todas as coisas. Ajuda-lo-á a ser destemeroso, o que significa estar livre de qualquer domínio, seja do mestre, seja da família ou da sociedade, para que, como indivíduo, ele possa "florescer no amor e na bondade". Ajudando desse modo o jovem a alcançar a liberdade, o educador está modificando também os próprios valores; também ele está começando a ficar livre do "eu" e do "meu", também ele está "florescendo no amor e na bondade". Esse processo de educação mútua cria uma relação inteiramente diferente entre mestre e discípulo.

O domínio ou a compulsão, de qualquer espécie, é um obstáculo direto à liberdade e à inteligência. O verdadeiro educador não se submete a nenhuma autoridade e nenhum poder na sociedade; está fora do alcance dos decretos e sanções da sociedade. Se queremos ajudar o jovem a ficar livre dos empecilhos criados por ele próprio e pelo ambiente, toda espécie de compulsão e domínio deve ser compreendida e posta de parte; e isso não pode ser feito se o próprio educador não se estiver libertando de todas as peias da autoridade.

Seguir outra pessoa, por mais eminente que seja, impede o descobrimento das tendências do "eu"; correr atrás da promessa de alguma utopia "já feita" impede o espírito de perceber a ação envolvente do seu próprio desejo de conforto, de autoridade, de ajuda por parte de outrem. O sacerdote, o político, o advogado aí estão para nos "ajudar"; mas tal ajuda destrói a inteligência e a liberdade. A ajuda de que precisamos não se acha fora de nós. Não necessitamos de pedir ajuda; ela vem sem a procurarmos, quando somos humildes no trabalho devotado, quando estamos abertos para a compreensão de nossas tribulações e acidentes de cada dia.

Devemos evitar a ânsia, consciente ou inconsciente, de apoio e estímulo, porque tal ânsia cria a reação respectiva, que é sempre a busca de satisfação. É confortante termos alguém que nos incentive, nos guie e nos tranqüilize; mas esse hábito de recorrer a outrem, fazendo-o nosso guia, nossa autoridade, depressa se converte num veneno em nossa estrutura. Desde que dependemos de outra pessoa para nossa orientação, esquecemos nossa intenção primitiva, que era a de despertar a liberdade e a inteligência individuais.

Toda espécie de autoridade é um empecilho, e é essencial que o educador não se torne uma autoridade para o discípulo. A gênese da autoridade é um processo tanto consciente como inconsciente.

O estudante sente-se incerto, a tatear, e o mestre se mostra muito confiante no seu saber, forte na sua experiência. A força e a segurança do mestre inspiram confiança no discípulo, que tende então a "aquecer-se a esse sol". Mas essa confiança não é duradoura nem

genuína. O mestre que, consciente ou inconscientemente, estimula a dependência, nunca pode ser de muita valia para os discípulos. Poderá assombrá-los com seu saber, ofuscá-los com sua personalidade, mas não é o educador conveniente, uma vez que sua cultura e experiência são sua paixão, sua segurança e sua prisão; e, enquanto ele próprio não souber livrar-se deles, não poderá ajudar os discípulos a serem entes humanos integrados.

Para ser um verdadeiro educador, cumpre ao mestre esquecer-se constantemente de livros e laboratórios; deve estar sempre vigilante, para impedir que os discípulos façam dele um exemplo, um ideal, uma autoridade. Quando o mestre deseja realizar suas ambições através de seus discípulos, quando o sucesso deles representa o próprio sucesso, então seus ensinamentos são uma espécie de continuação dele próprio, o que é prejudicial ao autoconhecimento e à liberdade. O verdadeiro educador deve estar bem cônscio de todos esses empecilhos, a fim de poder ajudar os estudantes a serem livres não só da sua autoridade, mas também dos próprios interesses egocêntricos.

Infelizmente, quando se trata de compreender um problema, a maioria dos mestres não considera o discípulo como um parceiro no mesmo nível que eles; de sua posição superior, ditam instruções ao discípulo, situado muito abaixo deles. As relações, em tais casos, só têm o efeito de aumentar o temor, tanto do mestre como do discípulo. Como se cria essa relação desigual? Será que o mestre tem medo de ser "descoberto"? Mantém ele uma distância respeitável a fim de proteger suas suscetibilidades, sua importância?

Esse isolamento superior não contribui de modo nenhum para destruir as barreiras que separam os indivíduos. Afinal de contas, o educador e o discípulo se ajudam mutuamente a educar-se.

Todas as relações deveriam ser uma educação mútua; e uma vez que o isolamento protetor proporcionado pelo saber, pelo bom êxito, pela ambição, só pode gerar inveja e antagonismo, cabe ao verdadeiro educador transcender as muralhas que ele próprio ergueu ao redor de si.

Porque se dedica todo à liberdade e à integração do indivíduo, o verdadeiro educador é profunda e sinceramente religioso. Não pertence a nenhuma seita ou religião organizada; está livre de crenças e ritos, pois sabe que são apenas ilusões, fantasias, superstições projetadas pelos desejos daqueles que as criaram. Sabe que a realidade ou Deus só pode manifestar-se quando há autoconhecimento e, por conseguinte, liberdade.

As pessoas não possuidoras de diplomas acadêmicos são muitas vezes os melhores mestres, porque têm disposição para experimentar. Não sendo especialistas, têm interesse em aprender, em compreender a vida. Para o verdadeiro educador, ensinar não é uma técnica, é vocação; como um grande artista, preferiria morrer à míngua a renunciar ao trabalho criador. Quem não sentir esse ardente desejo de ensinar não deve ser preceptor. É de suma importância que o indivíduo descubra por si mesmo se tem esse dom, em vez de apenas deixar-se impelir para o ensino, por constituir um meio de vida.

Se o ensino exprimir simples profissão, um meio de vida e não uma vocação cheia de devotamento,

haverá forçosamente separação entre o mundo e nós mesmos: nossa vida doméstica e nosso trabalho continuarão separados e distintos. Enquanto a educação for apenas um emprego como outro qualquer, é inevitável o conflito e a inimizade entre os indivíduos e entre as diferentes classes ou níveis sociais; haverá crescente competição, a cruel luta das ambições pessoais e o estabelecimento de divisões entre nações e raças, criadoras de antagonismos e de guerras intermináveis.

Como verdadeiros educadores, não criamos barreiras entre nossa vida no lar e a vida na escola, porque em toda parte o que nos interessa é sempre a liberdade e a inteligência. Tratamos em pé de igualdade os filhos do rico e os filhos do pobre, considerando cada jovem como um indivíduo, com seu temperamento pessoal, suas peculiaridades hereditárias, suas ambições, etc. Estamos interessados, não em uma classe, não nos poderosos ou nos fracos, mas na liberdade e na integração do indivíduo.

O devotamento à educação correta deve ser voluntário. Não resulta de nenhuma persuasão ou esperança de ganho pessoal; e deve estar isento dos temores oriundos da ânsia de sucesso e celebridade. A identificação do indivíduo com o sucesso ou o insucesso de uma escola ainda está compreendida no campo do interesse pessoal. Se ensinar é nossa vocação, se consideramos a educação correta como uma necessidade vital do indivíduo, não nos deixaremos estorvar nem desviar de maneira alguma por nossas próprias ambições ou pelas ambições de outrem; acharemos tempo e oportunidade para esse trabalho e a ele nos dedicaremos sem buscar recompensa, honras ou

fama. Então, tudo o mais — família, segurança pessoal, conforto — se torna de importância secundária.

Se temos sincero empenho em ser genuínos educadores, estaremos completamente insatisfeitos, não apenas com determinado sistema de educação, mas com todos eles, porquanto sabemos que nenhum método educativo pode libertar o indivíduo. Um método ou sistema poderá condicioná-lo a uma diferente ordem de valores, mas nunca fazê-lo livre.

Devemos também manter-nos vigilantes, a fim de não descambarmos para nosso sistema pessoal, que a mente está sempre formando. Seguir um padrão de conduta, de ação, é uma forma conveniente e segura de proceder, e esta é a razão por que a mente gosta de abrigar-se nas suas formulações. Estar constantemente vigilante é incômodo e impõe certas exigências, mas desenvolver e seguir um método não exige reflexão.

A repetição e o hábito concorrem para tornar a mente indolente; é preciso então um choque para despertá-la, e a esse choque chamamos um problema. Procuramos resolver esse problema de acordo com as nossas já muito usadas explicações, justificações e condenações, do que resulta pormos a mente de novo a dormir. A mente é de contínuo invadida por essa forma de indolência, e o verdadeiro educador não só a faz cessar em si mesmo, mas também ajuda os discípulos a estarem cônscios dela.

Perguntarão alguns: "Como pode alguém tornar-se um verdadeiro educador?" Ora, perguntar "como" indica que a mente não é livre, mas timorata e interessada em vantagem, em resultado. A esperança e o esforço para nos tornarmos importantes só resultam

em ajustar a mente ao fim desejado, ao passo que a mente livre está sempre vigilante, sempre aprendendo e, por conseguinte, levando de vencida os obstáculos por ela própria projetados.

A liberdade está no começo, não é coisa que se ganha no fim. Ao perguntarmos "como", esbarramos em obstáculos insuperáveis, e o preceptor que sente muito empenho em consagrar sua vida à educação nunca fará tal pergunta, porque sabe não existir método capaz de torná-lo um verdadeiro educador. Se estamos vivamente interessados, não pedimos nenhum método que nos garanta o resultado desejado.

Pode algum sistema tornar-nos inteligentes? Podemos enfronhar-nos laboriosamente num sistema, tirar diplomas, etc., mas seremos então educadores ou meras personificações de um sistema? Buscar recompensa, desejar ser chamado "eminente educador" é aspirar a aplausos e louvores e, conquanto seja às vezes agradável sentir-nos apreciados e estimulados, se dependermos de tal coisa para sustentar nosso interesse, ela se torna como que uma droga de que depressa nos cansaremos. Esperar apreciação e estímulo é falta de madureza.

Se desejamos se crie algo novo, precisamos de vigilância e energia, não de brigas e quizilas. Quando em nosso trabalho nos sentimos frustrados, em geral vem logo o tédio e o cansaço. Quem não se sente interessado não deve, é claro, continuar a ensinar.

Mas, por que existe tantas vezes a falta de vital interesse entre os preceptores? Que faz uma pessoa sentir-se frustrada? A frustração não resulta de ser uma pessoa forçada pelas circunstâncias a fazer isso

ou aquilo; manifesta-se por não sabermos nós mesmos o que realmente desejamos fazer. Porque estamos confusos, somos impelidos para aqui e para ali e acabamos abraçando uma atividade que absolutamente não nos interessa.

Se ensinar é nossa verdadeira vocação, podemos sentir temporário malogro por não encontrarmos uma saída para o presente caos em que se acha a educação; mas, ao percebermos e compreendermos todo o alcance da educação correta, voltaremos a ter o incentivo e o entusiasmo necessários. Não é questão de vontade ou de resolução, porém de percebimento e compreensão.

Se ensinar é nossa vocação e se vemos a grande importância da educação correta, não podemos deixar de ser verdadeiros educadores. Não há necessidade de *seguir método algum*. O *próprio fato de compre*endermos que a educação correta é indispensável — se queremos realizar a liberdade e a integração do indivíduo — opera em nós uma transformação fundamental. Se percebermos que só pode haver paz e felicidade para o homem através da educação correta, então, naturalmente, a ela consagraremos toda nossa vida e interesse.

Ensinamos o jovem porque desejamos fazê-lo rico interiormente, em virtude do que ele atribuirá aos bens materiais o seu exato valor. Quando não há riquezas interiores, as coisas mundanas se tornam demasiado importantes, levando de várias formas à destruição e ao sofrimento. Ensinamos para estimular o discípulo a achar sua verdadeira vocação e evitar as ocupações que fomentam o antagonismo entre os homens. Ensinamos os jovens para ajudá-los a alcan-

çar o autoconhecimento, sem o qual não pode haver paz nem felicidade duradouras. Ensinar não representa um preenchimento egoísta, mas abnegação.

Sem o ensino correto, a ilusão é tomada pela realidade, e o indivíduo se vê num conflito perene dentro em si mesmo, e, conseqüentemente, em conflito nas suas relações com os outros, que constituem a sociedade. Ensinamos porque sabemos que só o autoconhecimento, e não os dogmas e os ritos da religião organizada, pode produzir espíritos tranqüilos; e que a criação, a verdade, Deus, só pode manifestar-se depois de serem transcendidos o "eu" e o "meu".

CAPÍTULO VII

SEXO E CASAMENTO

Como outros problemas humanos, o problema das paixões e impulsos sexuais é complexo e difícil e, se o educador não o houver investigado pessoalmente, com profundeza, e percebido todo o seu conteúdo, de que maneira pode ajudar aos que está educando? Se o pai ou o mestre está também à mercê das agitações do sexo, como pode guiar a criança? Podemos ajudar as crianças se nós mesmos não compreendemos o inteiro significado desse problema? A maneira como o educador transmite a compreensão do sexo depende do seu próprio estado de espírito; se ele é moderadamente desapaixonado ou se está absorvido pelos próprios desejos.

Ora bem, por que é o sexo para a maioria de nós um problema cheio de confusão e de conflito? Por que se tornou ele um fator dominante em nossas vidas? Uma das razões principais é que não somos criadores; e não o somos porque toda nossa cultura social e moral, assim como nossos métodos educativos, baseiam-se no desenvolvimento do intelecto. A solução deste problema do sexo está em compreendermos que a cria-

ção não é efeito da atividade intelectual. Ao contrário, só pode haver criação quando o intelecto está inativo.

O intelecto, a mente, como tal, só é capaz de repetir, de recordar-se, e está sempre fabricando palavras novas e reajustando palavras velhas; e, como em geral nós só sentimos e experimentamos pelo cérebro, vivemos exclusivamente de palavras e repetições mecânicas. Isso, evidentemente, não é criação, e visto que não somos criadores, o único meio de criação que nos resta é o sexo. O sexo é coisa da mente, e o que é da mente exige satisfação, pois, do contrário, vem a frustração.

Nossos pensamentos, nossas vidas, são estreitos, áridos, vazios, inúteis. Emocionalmente, estamos em estado de inanição; religiosa e economicamente nos submetemos à disciplina e ao controle. Não somos entes felizes, não temos vitalidade nem alegria; no lar, nos negócios, na igreja, na escola, nunca experimentamos um "estado de ser" criador, nunca há um desafogo profundo em nossos pensamentos e ações de cada dia. Presos e tolhidos de todos os lados, o sexo se torna naturalmente a única via de escape, uma experiência que temos de buscar continuamente, porque nos oferece, por um instante, aquele estado de felicidade que se manifesta na ausência do "eu". Não é o sexo que constitui um problema, mas, sim, o desejo de recobrar o estado de felicidade, o desejo de alcançar e conservar o prazer, sexual ou de outra espécie.

O que em verdade buscamos é essa intensa emoção do auto-esquecimento, essa identificação com algo em que possamos esquecer-nos completamente.

Porque o "eu" é pequeno, insignificante, e fonte de sofrimentos, desejamos, consciente ou inconscientemente, esquecer-nos, nas agitações individuais ou coletivas, nos pensamentos elevados ou em alguma forma grosseira de sensação.

Quando buscamos fugir do "eu", os meios de fuga são bem importantes e se tornam, por sua vez, para nós, problemas aflitivos. Enquanto não investigarmos e percebermos os obstáculos ao viver criador, que significa estar livre do "eu", não compreenderemos o problema do sexo.

Um dos empecilhos ao viver criador é o medo, e a respeitabilidade constitui manifestação desse medo. Os indivíduos respeitáveis, moralmente agrilhoados, não conhecem o integral e verdadeiro significado da vida. Estão encerrados dentro dos muros de sua virtude, nada podem enxergar além deles. Sua "moralidade de vidraças coloridas" com base em ideais e crenças religiosas, nada tem em comum com a realidade; e, quando atrás dela se abrigam, estão vivendo no mundo das própria ilusões. A despeito da moral pessoalmente imposta, e com que se comprazem, as pessoas respeitáveis acham-se também em confusão, sofrimento e conflito.

O temor, resultado do nosso desejo de estar em segurança, leva-nos a ajustar-nos, a imitar, a submeter-nos a domínio, impedindo, por conseguinte, o viver criador. Viver criadoramente é viver em liberdade, que significa ser sem medo. Só pode haver estado de criação se a mente não se acha presa nas redes do desejo e da satisfação do desejo. Só ao observarmos o coração e a mente com atenção sensível, podemos descobrir os movimentos ocultos do desejo. Quanto mais

atenciosos e afetuosos somos, tanto menos o desejo domina a mente. Só quando não há amor, a sensação se torna um problema obsessivo.

Para compreendermos esse problema da sensação, temos de nos aproximar dele, não de determinada direção, mas de todos os lados — o educativo, o religioso, o social e o moral. As sensações se tornaram para nós tão significativas por encarecermos em demasia os valores dos sentidos.

Por meio dos livros, dos anúncios, do cinema e de muitas outras maneiras, estamos sempre exaltando os vários aspectos da sensação. As pompas religiosas e políticas, o teatro e outros gêneros de diversão, tudo nos convida a buscar estimulantes em diferentes níveis do nosso ser; e deleitamo-nos com esse convite. Ao mesmo tempo que, de todos os modos possíveis, se estimula a sensualidade, prega-se o ideal da castidade. Forma-se, assim, uma contradição dentro em nós; e — fato estranho — essa própria contradição é incentivante.

Só quando compreendemos a busca de sensação, — uma das principais atividades da mente — o prazer, o excitamento e a violência deixam de constituir uma preocupação dominante em nossas vidas. Porque não amamos, o sexo, a busca de sensação transforma-se num problema absorvente. Havendo amor, há castidade; mas quem *se esforça* para ser casto não o é. A virtude vem com a liberdade, com a compreensão do que *é*.

Na juventude, temos fortes impulsos sexuais e em geral procuramos submeter esses desejos a controle e disciplina, pensando que, se não conseguirmos refreá-los, nos tornaremos irreprimivelmente lascivos.

As religiões organizadas se preocupam muito com a moralidade sexual, mas deixam-nos perpetrar a violência e o assassínio, em nome do patriotismo, entregar-nos à inveja e à crueldade astuciosa, e buscar o poder e o bom êxito. Por que se interessam tanto por esse aspecto especial da moralidade e se abstêm de combater a exploração, a ganância, a guerra? Não é porque as religiões organizadas, uma vez que fazem parte do ambiente que criamos, dependem para sua própria existência de nossos temores e esperanças, de nossa inveja e separatismo? Assim, no terreno religioso, como noutro qualquer, está a mente aprisionada nas projeções dos seus próprios desejos.

Enquanto não houver compreensão profunda de todo o processo do desejo, a instituição do matrimônio, tal como hoje existe, quer no Oriente, quer no Ocidente, não pode solucionar o problema sexual. O amor não nasce em virtude da assinatura de um contrato nem depende de uma permutação de prazeres ou de mútua segurança e conforto. Todas essas coisas pertencem à mente, e é por isso que o amor ocupa lugar tão insignificante em nossas vidas. O amor não é da mente, é de todo independente do pensamento com seus cálculos sutis, suas reações e seus desejos de autoproteção. Havendo amor, o sexo nunca é um problema; a falta de amor é que gera o problema.

Os obstáculos e as fugas da mente constituem o problema, e não o sexo ou outra qualquer questão específica; e, por isso, releva sobremodo compreendermos o processo da mente, suas atrações e repulsas, suas reações à beleza e à fealdade. Devemos observar-nos, tornar-nos cônscios da maneira como consideramos as pessoas, como olhamos para homens e mu-

lheres. Cumpre perceber que a família se torna um centro de separatismo e de atividades anti-sociais quando nos serve como meio de autoperpetuação e como defesa de nossa importância pessoal. A família e a propriedade, uma vez centralizadas em torno do "eu" com seus sempre limitantes desejos e lutas, se transformam em instrumentos do poder e da dominação, numa fonte de conflito entre o indivíduo e a sociedade.

A dificuldade de todas essas questões humanas é que nós mesmos, pais e educadores, estamos exaustos e desesperançados, inteiramente confusos e sem paz; a vida nos pesa em demasia, e desejamos ser confortados, desejamos ser amados. Interiormente pobres e insuficientes, como podemos dar ao jovem a educação adequada?

Eis por que o problema principal não é o discípulo, mas o educador; nosso coração e nossa mente precisam purificar-se, para sermos capazes de educar os jovens. Se o próprio educador se acha confuso, fora do caminho reto, perdido no labirinto dos seus próprios desejos, de que maneira pode transmitir sabedoria ou ajudar os outros a seguir o caminho reto? Nós não somos máquinas para sermos compreendidos e ajustados por especialistas; somos o resultado de uma longa série de influências e acidentes, e a cada um de nós compete descobrir e compreender por si mesmo a confusão da sua própria natureza.

CAPÍTULO VIII

ARTE, BELEZA E CRIAÇÃO

QUASE todos nós estamos sempre procurando fugir de nós mesmos e, como a arte oferece um meio fácil e respeitável de o fazermos, tem ela papel importante na vida de muitas pessoas. No desejo de auto-esquecimento, alguns se voltam para a arte, outros dão para beber, e outros mais se põem a seguir misteriosas e fantásticas doutrinas religiosas.

Quando, consciente ou inconscientemente, utilizamos alguma coisa para fugirmos de nós próprios, tomamo-nos de paixão por ela. Dependermos de uma pessoa, de uma poesia ou do que quer que seja, como meio de alívio das nossas preocupações e ansiedades, embora possa momentaneamente enriquecer-nos, só cria mais conflito e mais contradição em nossas vidas.

Não pode haver estado criador onde há conflito, e a educação correta deve, por conseguinte, ajudar o indivíduo a enfrentar seus problemas e a não glorificar os meios de fuga; deve ajudá-lo a compreender e a eliminar o conflito, porque só então pode manifestar-se o estado de criação.

Divorciada da vida, a arte pouco significa. Estando a arte separada do nosso viver de cada dia, existindo um vazio entre nossa vida instintiva e nossas produções na tela, no mármore, ou em palavras, a arte se torna simples expressão do desejo superficial de fugir à realidade do que *é*. É dificílimo eliminar esse vazio, sobretudo para os que são talentosos e tecnicamente proficientes; mas, só depois de eliminado, nossa vida se torna integrada e a arte uma expressão integral de nós mesmos.

A mente tem o poder de criar ilusões; procurar inspiração, sem compreender suas tendências, é provocar ilusões. Vem-nos a inspiração quando a ela estamos abertos, e não quando a buscamos. Tentar conseguir a inspiração mediante qualquer espécie de estímulo leva a ilusões de todo gênero.

A menos que estejamos perfeitamente cônscios do significado da existência, a capacidade e o talento dão realce e importância ao "eu" e às suas ânsias. Tendem a tornar o indivíduo egocêntrico e propenso à separação; a fazê-lo sentir-se uma entidade distinta, um ente superior, o que gera muitos males e causa lutas e sofrimentos intermináveis. O "eu" é um feixe de muitas entidades, cada uma delas oposta a todas as outras. É um campo de batalha de desejos contraditórios, um centro de luta constante entre o "meu" e o "não-meu"; e, enquanto dermos importância ao "eu", ao "mim", ao "meu", haverá crescente conflito dentro de nós mesmos e no mundo.

O verdadeiro artista está acima da vaidade e das ambições do "eu". Se o indivíduo possui brilhante capacidade de expressão, e ao mesmo tempo está

enredado nos interesses mundanos, isso tende a tornar--lhe a vida cheia de contradições e de lutas. O louvor e a adulação, quando se lhes atribui muita importância, enchem de vento o "ego" e destroem a receptividade; e o culto do bom êxito, em qualquer terreno, é evidentemente prejudicial à inteligência.

Toda tendência ou talento que concorra para o isolamento, toda espécie de auto-identificação, por mais estimulante que seja, desfigura a expressão da sensibilidade e produz o embotamento. Embota-se a sensibilidade quando o talento se torna "pessoal", quando se atribui importância ao "eu" e ao "meu" — EU pinto, EU escrevo, EU invento. Só ao estarmos cônscios de cada movimento de nossos pensamentos e sentimentos em nossas relações com pessoas, com coisas e com a natureza, só então a mente está aberta e flexível, não vinculada a desejos e interesses de autoproteção, só então há sensibilidade para o feio e para o belo, não perturbada pelo "eu".

A sensibilidade ao belo e ao feio não é efeito de apego; surge com o amor, quando não há mais conflitos gerados pelo "eu". Se somos interiormente pobres, deleitamo-nos com todas as formas de ostentação exterior, com a riqueza, com o poder, com os bens materiais. Estando vazios nossos corações, colecionamos coisas. Se temos recursos, rodeamo-nos de objetos que consideramos belos, e porque a eles ligamos desmedida importância, somos responsáveis por muitos sofrimentos e destruições.

O espírito de aquisição não significa amor ao belo; resulta do desejo de segurança, e estar-se em segurança é ser insensível. O desejo de estar em segurança

gera temor; põe em funcionamento um processo de isolamento que constrói muralhas de resistência em torno de nós, muralhas que impedem toda sensibilidade. Por mais belo que seja, um objeto depressa perde a sua atração sobre nós; acostumamo-nos a ele, e o que era um deleite se torna uma coisa vazia e monótona. A beleza continua a existir nele, mas já não estamos abertos para ela, absorvida que foi na monotonia da nossa existência cotidiana.

Visto que nossos corações estão mirrados e já nos esquecemos de como ser bondosos, como contemplar as estrelas, as árvores, os reflexos na água, necessitamos do estímulo dos quadros e das jóias, dos livros e dos divertimentos constantes. Andamos sempre em busca de novas excitações, novas sensações; ansiamos por uma variedade cada vez maior de sensações. É essa ânsia e sua satisfação que tornam a mente e o coração cansados e insensíveis. Enquanto estamos em busca de sensação, as coisas denominadas belas e feias têm apenas um sentido superficial. Só há alegria perene ao sermos capazes de apreciar todas as coisas sempre de maneira nova — e isso não é possível enquanto estivermos agrilhoados pelos nossos desejos. A ânsia de sensação e satisfação impede experimentemos aquilo que é sempre novo. Podem-se comprar sensações, mas não se pode comprar o amor e a beleza.

Quando estivermos cônscios do vazio da nossa mente e coração e não fugirmos desse vazio para qualquer gênero de estímulo ou sensação, quando estivermos completamente abertos, e bem sensíveis, só então haverá criação, só então encontraremos a alegria criadora. O cultivo do exterior, sem compreensão do

interior, tem de formar, inevitavelmente, aqueles valores que levam os homens à destruição e ao sofrimento.

Aprender uma técnica poderá proporcionar-nos um emprego, mas não nos faz criadores, ao passo que, se há alegria, se há o fogo criador, isso encontrará uma forma de expressar-se e não temos necessidade de estudar nenhum método de expressão. Quando deveras desejamos escrever um poema, escrevemo-lo, e, se possuímos a respectiva técnica, tanto melhor; mas, por que dar importância àquilo que é apenas um meio de comunicação, se nada temos para dizer? Existindo amor em nossos corações, não procuramos uma forma de alinhar palavras.

Os grandes artistas e os grandes escritores podem ser criadores, mas nós não somos; somos meros espectadores. Lemos enormes quantidades de livros, ouvimos música excelente, contemplamos obras de arte, mas nunca experimentamos diretamente o sublime; nossa experiência depende sempre de um poema, de um quadro, da personalidade de um santo. Para podermos cantar, cumpre ter uma canção em nossos corações; mas como perdemos a canção, seguimos o cantor. Sem um intermediário, sentimo-nos perdidos; porém, *devemos* estar perdidos para poder descobrir alguma coisa. Descobrir é começar a criar, e sem ação criadora, não importa o que façamos, nunca haverá paz nem felicidade para o homem.

Supomos que poderemos viver felizes, criadoramente, aprendendo um método, uma técnica, um estilo; mas a felicidade criadora só pode vir com a riqueza interior, nunca pode ser alcançada por meio de sistema algum. O aperfeiçoamento pessoal, que é outra

maneira de garantir a segurança do "eu" e do "meu", não é atividade criadora e nem significa amor à beleza. Só existe criação quando há vigilância constante das tendências da mente e dos obstáculos que ela criou para si própria.

A liberdade de criar surge com o autoconhecimento, mas o autoconhecimento não é um dom. Pode-se ser criador sem possuir nenhum talento especial. A criação é um "estado de ser" do qual estão ausentes os conflitos e as aflições do "eu", estado em que a mente não se deixa prender pelas exigências e lutas do desejo.

Ser criador não significa apenas produzir poemas ou estátuas ou filhos; é achar-se naquele estado em que a verdade pode manifestar-se. Surge a verdade com a imobilização total do pensamento, que só pode cessar estando o "eu" ausente, quando a mente deixa de criar, isto é, quando já não se empenha na perseguição dos seus próprios alvos. Achando-se a mente de todo tranqüila – sem ter sido forçada ou exercitada para a tranqüilidade – se está em silêncio porque o "eu" se tornou inativo, então, há criação.

O amor à beleza pode expressar-se numa canção, num sorriso, ou no silêncio, mas, em geral, não temos inclinação para o silêncio. Não temos tempo para observar os pássaros, as nuvens em movimento, porque andamos muito ocupados com a perseguição dos nossos objetivos e com nossos prazeres. Se não existe beleza em nossos corações, como podemos ajudar os jovens a serem vigilantes e sensíveis? Procuramos ser sensíveis à beleza e evitar o feio; mas evitar o feio, produz insensibilidade. Se desejamos desenvolver a

sensibilidade dos jovens, devemos nós mesmos ser sensíveis ao belo e ao feio, e aproveitar todas as oportunidades de despertar neles a alegria que se encontra no ver não apenas a beleza criada pelo homem, mas também a beleza da natureza.

Z. C.